



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Correspondo Eu ou Respondes-me Tu? Uma questão de desejo.

Um estudo sobre a qualidade das relações amorosas.

Ana Leocádia Figueiredo Marcão

Orientação: Isabel Maria Marques Mesquita

Mestrado em Psicologia

Área de especialização: *Psicologia Clínica e da Saúde*

Dissertação

Évora, 2016



ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Correspondo Eu ou Respondes-me Tu? Uma questão de desejo.

Um estudo sobre a qualidade das relações amorosas

Ana Leocádia Figueiredo Marcão

Orientação: Isabel Maria Marques Mesquita

Mestrado em Psicologia

Área de Especialização: Psicologia Clínica e da Saúde

Dissertação

Évora, 2016

Esta dissertação foi redigida pelo novo acordo ortográfico segundo n.º3 da Resolução do Conselho de Ministros
n.º.8/2001

AGRADECIMENTOS

Para agradecer é necessário humildade, humildade para se saber que sozinho não se consegue. Humildade para saber que é preciso ajuda, humildade para saber em conjunto tudo correrá melhor.

Assim, quero agradecer à Professora Doutora Isabel Maria Marques Mesquita, por ter aceitado esta ideia inovadora, por aceitar as sugestões.

Ao Professor Manuel Joaquim Piteira Minhoto (Prof. Auxiliar do Departamento de Matemática da Universidade de Évora), agradeço a imediata disponibilidade, empenho e paciência sempre que necessário.

Aos meus pais, que em mim depositaram o seu orgulho, força e coragem para continuar mesmo quando parecia ser mais difícil, mesmo na adversidade eles se mantiveram sempre por perto. É graças a eles que sou o que sou, com todos os meus defeitos e virtudes. E é por eles, por todo o seu amor e carinho que esta dissertação também se tornou possível.

À minha irmã Joana, por toda a sua assertividade nas nossas conversas quando me diria que seria capaz. Por toda a força que me deu. Por acreditar em mim. A ti te agradeço por saber que sou teu orgulho.

Aos meus avós que estejam onde estiverem, sei que sempre olharam por mim.

À minha colega e amiga Tânia, que durante todo este ano me acompanhou mais do que nunca, que me acalmou e aconselhou quando necessário. Que acreditou que sempre conseguiríamos apesar de todas as adversidades.

Às minhas amigas, sem elas cinco anos de trabalho não teriam sido o que foram.

A Ti, que sempre me transmitiste força, que caminhaste a meu lado quando achava que não. Sei que a tua providência se encarregará do necessário para o meu futuro. Ensinaste-me que não posso sempre pedir, tenho também que agradecer e aqui se encontra o meu agradecimento.

Um obrigado provavelmente não chega, para a gratidão que sinto.

Mas a todos, OBRIGADO!

RESUMO

Este estudo propôs-se investigar, como a qualidade da relação amorosa era influenciada pela proximidade, tempo de duração da relação e ainda as dimensões propostas pelo CRQ 6.0 – *Central Relationship Questionnaire*. A amostra foi constituída por 179 (jovens) portugueses/as, com idades entre 16 e 24 anos, que, mantenham uma relação amorosa. A investigação, de natureza quantitativa, utilizou um protocolo formado pelos instrumentos: Questionário Relationship Questionnaire (QRA), Escala de Inclusão do Self (IOS) e Central Relationship Questionnaire (CRQ 6.0)

Tendo conta os resultados obtidos, é perceptível que a qualidade da relação é influenciada por diversos fatores, apesar de não terem existido dados estatísticos significativos em comparação com as variáveis apresentadas no estudo. Apesar disso a Resposta do Eu, foi a dimensão que mais revelou dados significativos tanto na qualidade da relação, como no tempo de duração da mesma.

Palavras-chave: Qualidade da Relação, Tempo de Duração, Desejo, Resposta do Eu E do Outro, Proximidade

I correspond or Do you answer me? A matter of desire

A study on the quality of love relationships

ABSTRACT

This study propose to investigate, how the quality of a relationship was influenced by proximity, duration of the relationship and also the dimensions proposed by the CRQ 6.0 - Central Relationship Questionnaire. The sample consisted of 179 Portuguese young adults, aged 16 and 24, who maintain a loving relationship. The research, quantitative, used a protocol formed by instruments: Relationship Questionnaire Questionnaire (QRA), Self Inclusion Scale (IOS) and Central Relationship Questionnaire (CRQ 6.0)

Taking account of the results obtained, it is visible that the quality of the relationship is influenced by several factors, although there has been no significant statistical data compared to the variables presented in the study. Nevertheless the I response was the dimension that showed more significant data both in the quality of the relationship, as time duration.

Keywords: Relationship Quality, Duration Time Desire response I and the Other, Proximity

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra

Tabela 2. Análise Exploratória do Género com a Qualidade, Tempo de Duração e Proximidade da Relação

Tabela 3. Análise Exploratória da Idade com a Qualidade, Tempo de Duração e Proximidade da Relação

Tabela 4. Valores do Coeficiente de Alpha de Cronbach do QRA

Tabela 5. Valores de Coeficiente de Alpha de Cronbach das dimensões do CRQ 6.0

Tabela 6. Valores de Correlação entre Qualidade e Tempo de Duração

Tabela 7. Valores de Correlação entre Qualidade da Relação e Proximidade da Relação

Tabela 8. Valores de Correlação da Qualidade da Relação com as Dimensões do CRQ 6.0

Tabela 9. Valores de Correlação entre o Tempo de Duração e as Dimensões do CRQ 6.0

Tabela 10. Valores de Correlação entre Tempo de Duração e Tempo Dispensado nas Redes Virtuais

Tabela 11. Valores de Correlação entre Qualidade de Relação e Tempo Dispensado nas Redes Virtuais

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	I
RESUMO.....	II
ABSTRACT.....	III
ÍNDICE DE TABELAS.....	IV
INTRODUÇÃO.....	1
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	
CAPÍTULO I – AMOR ROMÂNTICO.....	3
1.1. CONCEITOS.....	3
1.2. AMOR ROMÂNTICO – CONTRIBUTOS PSICANALÍTICOS.....	6
1.3. TIPOS DE AMOR ROMÂNTICO.....	7
CAPÍTULO II – RELAÇÕES AMOROSAS.....	11
2.1. CONCEITOS DE RELAÇÕES AMOROSAS.....	11
2.2. DURAÇÃO E QUALIDADE DAS RELAÇÕES AMOROSA.....	12
2.3. COMUNICAÇÃO NAS REDES SOCIAIS E RELAÇÕES AMOROSAS.....	14
2.4. PROXIMIDADE NA RELAÇÃO.....	15
CAPÍTULO III – O DESEJO, O EU E O OUTRO.....	17
3.1. A RESPOSTA DO EU NA RELAÇÃO AMOROSA.....	17
3.2. A RESPOSTA DO OUTRO NA RELAÇÃO AMOROSA.....	18
3.3. O DESEJO NA RELAÇÃO AMOROSA.....	19
PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO	
CAPÍTULO IV - ENQUADRAMENTO DO ESTUDO.....	23
4.1. ENQUADRAMENTO DO ESTUDO.....	23
4.2. OBJETIVOS.....	24
4.2.1. Objetivo Geral.....	24
4.2.2. Objetivo Específicos.....	24
4.3. HIPÓTESES.....	26
CAPÍTULO V – METODOLOGIA.....	26
5. METODOLOGIA.....	26
5.1. Procedimentos.....	26
5.1.1. Delineamento ou Desenho do Estudo.....	26
5.1.2. Participantes/Amostra.....	26
5.1.3. Procedimentos na Recolha de Dados.....	26
5.1.4. Instrumentos.....	27

CAPÍTULO VI – RESULTADOS.....	30
6.1. RESULTADOS.....	30
6.1.1. Análise Descritiva da Amostra.....	30
6.1.2. Análise Exploratória da Amostra com a qualidade / tempo de duração e proximidade da Relação Amorosa.....	32
6.1.3. Estudo das Características Psicométricas dos Instrumentos.....	34
6.1.4. Estudo das Hipóteses.....	36
6.1.4.1. Estudo da H1: A qualidade da relação amorosa é influenciada pelo tempo de duração da relação amorosa.....	36
6.1.4.2. Estudo da H2: A qualidade da relação amorosa é influenciada pela proximidade entre os parceiros românticos.....	38
6.1.4.3. Estudo da H3: Existe correlação entre a qualidade amorosa e o CRQ 6.0 (Desejo, Resposta do Outro e Resposta do Eu).....	38
6.1.4.4. Estudo da H4: Existe correlação entre o tempo de duração da relação amorosa e o CRQ 6.0 (Desejo, Resposta do Outro e Resposta do Eu).....	39
6.1.4.5. Estudo da H5: Existe correlação entre o tempo de comunicação dispensado nas redes virtuais para comunicar com o parceiro e o tempo de relação.....	39
6.1.4.6. Estudo da H6: A qualidade da relação amorosa é influenciada pelo tempo de comunicação dispensado nas redes virtuais para comunicar com parceiro.....	39
7.DISSCUSSÃO.....	41
7.1. Existem relações estatisticamente significativas entre a qualidade da relação amorosa e o tempo de duração da relação?.....	41
7.2. Existem relações estatisticamente significativas entre a qualidade da relação amorosa e a proximidade entre os parceiros?.....	42
7.3. Existem relações estatisticamente significativas entre a qualidade da relação amorosa e as dimensões desejo, resposta do outro e do eu? E relativamente ao tempo, as mesmas dimensões influenciam o tempo de duração?.....	43
7.4. Existem relações estatisticamente significativas entre o tempo de duração da relação amorosa e o tempo dispensado nas redes virtuais a comunicar com o parceiro?.....	45
7.5. Existem relações estatisticamente significativas entre a qualidade da relação amorosa e o tempo dispensado nas redes virtuais a comunicar com o parceiro?.....	46
CAPÍTULO VIII – CONSIDERAÇÕES FINAIS DO ESTUDO.....	46
8.1. PRINCIPAIS CONCLUSÕES DO ESTUDO.....	49
8.2. LIMITAÇÕES.....	51
8.3. FUTURAS INVESTIGAÇÕES.....	52

CAPÍTULO IX – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54
ANEXOS	
Anexo I - Protocolo	62
Anexo II – Análise Descritiva	73
- Análise Exploratória	75
- Análise Correlacional	84

INTRODUÇÃO

A interação humana é definida como uma série de mensagens trocadas entre pessoas, e a comunicação refere-se a qualquer comportamento verbal ou não verbal (Watzlawick, Beavin & Jacksson, 1993), nesse sentido a busca de uma união romântica é um processo que envolve expectativas de satisfação, bem-estar e felicidade (Andrade, Garcia & Cano, 2009), partindo da base que é a interação humana.

As relações amorosas são um dos tipos de relação mais importante no universo das interações entre duas pessoas. Enquanto relação íntima, esta constitui-se como necessidade básica do ser humano, pois como refere Fletcher (2002), o estabelecimento de um laço íntimo entre sujeitos pertence ao conjunto de objetivos de vida dos indivíduos.

É nesse sentido que o relacionamento romântico é por isso um aspeto central para a maioria dos adolescentes (Carver, Joyner, & Udry, 1999), e jovens adultos (Arnett, 2000). Narciso & Ribeiro (2009) afirmam que nestas duas fases de desenvolvimento (adolescência e adultez emergente) o indivíduo procura uma harmonia entre a autonomia e a relação com o outro. Ao mesmo tempo que o adolescente se afasta da relação parental, surge a relação íntima como promotora de segurança emocional. O jovem adulto depara-se com uma etapa de conquista pela sua autonomia quer a nível psicológico, quer a nível emocional (Bertoldo & Barbará, 2006).

O presente estudo encontra-se organizado em duas partes: uma primeira parte composta pelo enquadramento teórico sendo constituída pelos primeiros três capítulos; a segunda parte dirige-se ao estudo empírico, composto pelo capítulo da metodologia aplicada no estudo e pelo capítulo da apresentação dos resultados, as considerações finais dos resultados obtidos e por fim, todas as referências bibliográficas utilizadas ao longo de todo o estudo.

Desde se abordar o amor romântico (conceitos, teorias e tipos de amor), passando pelas relações amorosas (onde os conceitos são abordados, a duração e a qualidade das relações, bem como a comunicação nas redes virtuais e ainda a proximidade). Por último no enquadramento teórico trabalha-se o desejo, a resposta do eu e do outro nas relações amorosas

Por fim, a segunda parte deste estudo remete para a parte empírico, onde se trabalha o enquadramento do estudo, a sua metodologia, passando pelo estudo das hipóteses até à sua discussão e principais conclusões.

PARTE I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I – AMOR ROMÂNTICO

1.1. CONCEITOS

*“O amor é um tecido tão complexo de paradoxos, e apresenta uma diversidade tal de formas e tons, que pode dizer-se praticamente tudo a respeito, e é provável que esteja certo”
(Finck, 1891/1973, p. 224)*

O que é isso que chamamos de amor? O amor tem muitos componentes, mas aquele considerado indispensável é o compromisso. Amor é o laço psicológico que vincula uma pessoa a outra por um longo período. Uma vez estabelecido, esse vínculo dificilmente poderá ser reduzido, e alguns estudiosos afirmam mesmo que nunca poderá ser totalmente rompido (Parkes, s.d). Para Rosset (2004 citado por Smeha & Oliveira, 2013), o amor não tem significado único, costuma ser definido de acordo com a subjetividade de quem vivencia o sentimento.

Já para Freud(1996/1922), um dos aspetos que o mesmo refere é que o amor em relação a um objeto externo ocorre apenas após a construção do ideal de ego do indivíduo (Oliveira, 2013).

Outra teoria que procurou explicar o amor foi proposta por Reik (1944 citado por Oliveira, 2013). Este psicanalítico, propõe uma teoria diferente da teoria psicanalista tradicional. Enquanto para Freud o amor está baseado na energia libidinal, ou seja, o amor e o desejo são uma função do outro, para Reik, o amor e o desejo possuem diferentes forças motivadoras. Mais especificamente, o autor argumenta que o amor, diferentemente do desejo, é um interesse apaixonado por um outro corpo, é um interesse apaixonado por outra personalidade.

Reik argumenta que uns dos tipos de amor que existem são: D-love (deficiency love/ amor deficiente) e B-love (being love/ “ser” amor). O primeiro tipo (D-love) teria as propriedades do amor proposto por Freud, ou seja, o sentimento de amor em relação à outra pessoa surge com o objetivo de recuperar as próprias deficiências; já o outro tipo (B-love) ocorre entre pessoas autorrealizadas, que podem amar outras pessoas pelo que elas de facto são (Oliveira, 2013).

O amor romântico é um conceito relativamente moderno. A análise da literatura revela que a subjetividade inerente a este conceito impede uma definição consensual entre

autores (Noller, 1996; Fehr, 1998). Não obstante esta falta de unanimidade no que diz respeito à sua conceptualização, a literatura sublinha os conceitos de “paixão”, “intimidade” e “compromisso” de forma consensual e consistente, considerando-os componentes principais do amor (Ackerman et al. 2011; Fehr, 1988; Noller, 1996; Sternberg, 1986 citado por Pontes, 2014).

Independentemente da existência de vários estudos que afirmam que o amor romântico sofre um claro declínio ao longo do tempo da relação (Hatfield, Pillemer, O'Brien, & Li, 2008, Niehuis, Reifman, & Lee, 2013; Neff & Karney, 2005; Wojciszke, 2002 citado por Sheets, 2014), o amor de longa duração, com todas as características que lhe são inerentes (e.g. o interesse sexual, intensidade de afetos), tem-se demonstrado um fenómeno que propicia o bem-estar dos indivíduos, estando positivamente relacionado com a satisfação conjugal, saúde mental e bem-estar geral (Sheets, 2014).

O amor a princípio trata-se de uma crença emocional, e como toda e qualquer crença “pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada ou abolida”, sendo que nenhum dos seus constituintes afetivos é fixo por natureza (Costa, 1999, p.12). E embora possa ser expresso e pensado de maneiras bastante diferenciadas, o amor é sumamente importante para o desenvolvimento da personalidade (Hernandez, Oliveira, 2003 citado por Almeida, 2013).

Ao que se sabe, o desenvolvimento emocional dá-se imediatamente após o nascimento e percorre um longo caminho através das etapas determinadas pela idade e cultura, que caracterizam a evolução do ser humano (Bolbby, 1989 citado por Almeida, 2013). Para as pessoas, geralmente a consistência do amor deriva de e fundamenta-se na consistência pessoal, pois o amor é encarado como necessidade e, ao mesmo tempo como uma construção (Almeida, 2013).

Estabelecemos ao longo da vida relações de natureza diversa, e um dos diversos tipos de relação que desenvolvemos e que tem um grande impacto nas nossas vidas é a relação amorosa. A busca de uma união romântica é um processo que envolve expectativas de satisfação, bem-estar e felicidade (Andrade, Garcia & Cano, 2009).

Guareschi (1996, p. 82 citado por Ferreira & Fioroni, 2010) interpreta o conceito de relações como uma disposição, uma direção intrínseca em relação a outra que se aplica a uma realidade que não pode ser ela mesma sem que haja uma outra coisa, ou seja, é necessário que outro(s) exista(m) numa relação (Oliveira, 2013).

Ribeiro (2002 citado por Oliveira, 2013) identifica diferentes formas específicas de relacionamentos que se incluem no conceito abrangente de relações interpessoais, tais como: as relações de vinculação, relações de amizade, relações de proximidade, relações amorosas e relações de intimidade. Para alguns investigadores a intimidade e a

proximidade são processos semelhantes, caracterizados pela união, compreensão, responsividade e confidências mútuas, (Mashek & Aron, 2004). No geral, as relações românticas são descritas como interações voluntárias mutuamente reconhecidas e consentidas, caracterizadas por uma intensidade diferente de outros relacionamentos com os pares e marcadas por manifestações de carinho e comportamentos sexuais (Diamond & Savin-Williams, 2003; Collins, Welsh & Furman, 2009 citado por Oliveira, 2013)

De acordo com a teoria do desenvolvimento romântico apresentada por Furman e Wehner (citado por Seiffge-Krenke, 2003; 2006) os relacionamentos românticos envolvem o estabelecimento de uma relação de vinculação, a prestação de cuidados e comportamentos sexuais.

Os relacionamentos amorosos da contemporaneidade podem ser caracterizados pelos seguintes aspectos: menor durabilidade das uniões, menor tolerância aos conflitos, menos paciência e mais imediatismo. Há ainda a ideia de que nada dura para sempre, e a rapidez com que as pessoas constituem vínculos afetivos seria proporcional ao tempo que levam para rompê-los (Zordan & Strey, 2010).

Pregolato (2003 citado por Smeha & Oliveira, 2013), refere que quando nos apaixonamos, tendemos a acreditar inicialmente que encontramos a pessoa ideal que possui todos os atributos capazes de nos despertar admiração, amor e desejo, satisfazendo totalmente as nossas aspirações amorosas. No entanto, a atração e os objetivos de vida que, inicialmente eram os mesmos, acabam resultando no fim das relações. Fatores como esses podem estar ligados à cultura consumista e às exigências do mundo contemporâneo, onde não há tempo para conhecer o outro e nem a si mesmo. Como o ser humano se sente incompleto, mesmo que de fato não o seja, busca no outro a completude.

Os seres humanos existem em relação e as relações interpessoais desempenham um papel central no desenvolvimento humano, facilitando ou dificultando esse desenvolvimento, e como tal, não se deve hesitar em considerar o Homem como uma matriz de relações (Ribeiro & Costa, 2001/2002 citado por Lopes, 2012)).

A teoria triangular do amor (Sternberg, 1986; Narciso, 1994/95 citado por Lopes, 2012) sugere um modelo com três componentes essenciais no relacionamento romântico: intimidade, paixão e compromisso. Se todos estes tiverem presentes, vive-se um amor pleno. O amor abarca todo um conjunto de sentimentos positivos referenciando a pessoa amada, entre eles: o carinho, a paixão, a comunicação, a protecção, a intimidade, e o sofrimento (Relvas, 1996 citado por Lopes, 2012).

1.2. AMOR ROMÂNTICO – CONTRIBUTOS PSICANALÍTICOS

A dinâmica amorosa abrange processos de idealização e tentativas de restauração do estado narcísico (Freud, 1914). O objeto sexual fica equiparado a algo que é ideal, pois falta algo ao eu para que este seja capaz de alcançar o seu próprio ideal.

Freud concebe o conceito de amor-próprio, como sendo idêntico ao narcisismo, pois o amor é visto como manifestação da libido face aos outros ou ao próprio. Desta forma amor e amor-próprio são mutuamente exclusivos, ou seja quando mais houver de um, menos haverá do outro (Schlosser, Dalfovo, & Delvan, 2012).

Freud, diz ser impossível um encontro absoluto entre o sujeito e o objeto, estando esta busca amorosa destinada ao fracasso. Defende que, acreditar na possibilidade de se poder vir a tornar um só com o seu parceiro é definido como “ilusão amorosa”.

O amor na teoria freudiana tem um caráter conservador e repetitivo, para que o sujeito possa restabelecer um estado anterior. Consiste na possibilidade de expressar o self verdadeiro na relação com o outro. Como Freud dizia, “... *todo encontro amoroso é um reencontro*” (Freud, 1905, p. 202).

Freud, distingue o amor de estar apaixonado sendo o segundo mais cego do que o amor normal. Relativamente a esta visão, o objeto da paixão é definido como exclusivo, não existindo desta forma espaço para outros objetos na vida daquele que diz estar apaixonado. Contudo, esta dependência gera uma grande ameaça de sofrimento, pois o objeto pelo qual se está apaixonado, exerce um grande poder sobre a vida do sujeito (Freud, 1930).

O estar apaixonado, tem um caráter ilusório em três sentidos: primeiro, porque projeta no objeto os próprios ideais narcísicos conferindo-lhe perfeições inexistentes; segundo, porque os objetos escolhidos são apenas substitutos dos objetos incestuosos e, terceiro, porque leva a uma realidade não concretizável (Lejarraga, 2003).

Por outro lado, no amor existem espaços para outros investimentos, para além do objeto do amor.

O amor foi um tema de grande importância para Freud, estando ligando ao inconsciente libidinal, sendo sustentando por uma energia sexual que procura sempre um objeto inexistente. Já para Fromm, o amor será tido como uma função do ego, que deve ser desenvolvido até que venha a tornar-se madura (Schlosser, Dalfovo, & Delvan, 2012).

Erich Fromm, autor da obra *A arte de Amar*, defende que o amor não é uma relação com uma pessoa, pelo contrário é uma orientação de caráter que determina a relação de alguém com o mundo. Deste modo, o psicanalista afirma que a palavra “amor” não servirá para definir qualquer tipo de união interpessoal (Fromm, 1991).

O autor acredita que o amor, numa postura mais madura é uma expressão de produtividade e não um afeto passivo, podendo este caráter ativo do amor ser descrito como o ato de dar e não de receber.

Fromm defende que a fusão real pelo amor, só poderá resultar quando existe um amor maduro. Para este autor, qualquer tentativa de amor está destinada a falhar se o amor que existe não tiver uma orientação produtiva, ou seja se não for desenvolvido no ser humano por meio de uma atitude ativa (Fromm, 1991).

O amor, é como o “erguer” e não como a “queda”. É a única experiência de satisfação para a existência humana, sendo por meio do desenvolvimento e da realização deste que o ser humano pode ter uma existência plena (Lejarraga, 2003).

1.3. TIPOS DE AMOR ROMÂNTICO

O amor é uma das palavras de que mais se usa e abusa em qualquer língua. No entanto, apesar da existência de imensas definições e ideias sobre o amor, quando se discute o amor não se fala propriamente da sua qualidade ou tipo mas sim da sua quantidade. A ideia de dar um nome e personalidade a cada tipo de amor é antiga (Amado, 2010).

John Alan Lee, utiliza a metáfora da cor para olhar para as relações. Lee emprega a combinação de cores primárias com cores secundárias, utilizando nomes gregos para denominar os tipos de amor por ele criados. *Eros*, tipo de amor associado à atração física. Os parceiros tem uma visão definida do outro e sabem o que lhe provoca mais desejo. Este é o tipo de amor, das pessoas que se apaixonam à primeira vista (Amado, 2010). *Storge*, ligado ao afeto desenvolvido ao longo do tempo entre familiares e companheiros. Associa-se pouco à paixão, envolvendo poucos sentimentos calorosos. As pessoas associadas a este tipo, acabam por escolher parceiros que têm os mesmos interesses e perspectivas. Por último, Lee cria o *Ludus*, este tipo de amor prende-se com a diversão, jogo e associado a isso pouca preocupação com um futuro. Sendo inconsequente, prefere diversidade e continuidade (Amado, 2010).

A combinação destes três tipos de amor, dão origem às “cores secundárias” a seguir referidas. Deste modo, a combinação de *eros* e *ludus* gera **mania** tornando o amor obsessivo, *eros* e *storge* produz **ágape**, sendo um amor mais generoso e altruísta e por fim *ludus* e *storge* criam **pragma**, um amor calculista e pragmático (Amado, 2010).

Neste sentido Neto realiza um estudo junto de alunos universitários, com o fim de perceber quais os estilos de amor que mais estão presentes nos jovens. Recorrendo ao

questionário elaborado por Hendrick e Hendrick, o estudo comprova que os homens são mais lúdicos e agápicos contrariamente às mulheres (Feybesse, Hatfield & Neto, sd).

Por outro lado, uma das tipologias mais simples, sendo também aquela que se encontra mais próxima da realidade é a que divide o amor em apaixonado e companheiro. Numa primeira fase de relacionamento, está presente a paixão que por sua vez é dominada pelo desejo e encantamento, contudo é possível observar que esta fase e que a necessidade de contato que era constante, vai se desvanecendo. É assim a evolução de um amor apaixonado para um amor companheiro. O primeiro define-se como um estado emocional, intenso, onde dominam pensamentos relacionados com desejo e atração, chegando a envolver um estado de elevada ativação fisiológica, onde os sentimentos presentes vão desde do êxtase ao desespero (Amado, 2010).

Já o segundo – amor companheiro – vai implicar um conjunto de experiências a dois, em que o ponto fulcral é o cuidar do outro, a preocupação com o outro e o precisar dele. Este amor vai conter os afetos e os comportamentos que se têm em relação aos que estão mais próximos (Amado, 2010).

Yela (1997 citado por García, 1997), propõe a existência de componentes fundamentais do amor: *Paixão Romântica, Paixão Erótica, Intimidade e Compromisso*.

A primeira – paixão romântica - refere-se a uma dimensão fisiológica do amor, onde está presente um conjunto de ideias e atitudes face ao casal, o acreditar na onipotência do amor como um veículo que deve conduzir à felicidade e a identificação como a existência de um ideal romântico. Por outro lado a paixão erótica, assume a posição da procura do desejo sexual, da atração física para com o outro, o desejo de seduzir e ser seduzido (García, 1997).

Já o componente Intimidade, agrupa aspetos como o vínculo especial de união afetiva face ao outro, a compreensão, a confiança, segurança e conforto com o parceiro. Este fator observa o seu crescimento, com a convivência e o decorrer de tempo em casal (García, 1997).

Por último o fator que Yela, designa como Compromisso, associa-se à decisão de querer manter a relação, mesmo aquando da existência de problemas na relação do casal. O facto de ser conferida à outra pessoa e à sua própria relação uma importância maior, faz com que o crescimento relacional seja progressivo, gerando também comparativamente uma interdependência tanto pessoal como material, na relação amorosa (García, 1997).

Sternberg em 1988 (citado por Cid & Cid, 2012), afirma que todos os componentes do amor são relativamente independentes uns dos outros, no entanto todos são necessários para experimentar uma situação de apego e amor, face ao seu companheiro. Para este autor, os diferentes tipos de amor podem ser explicados com uma combinação

dos diferentes componentes que o próprio cita na sua teoria (*Paixão, Intimidade, Compromisso/Decisão*).

Estes são os tipos de amor, apresentados por Sternberg:

- *Não-Amor*, refere-se à inexistência dos três componentes do amor. É caracterizado na sua grande maioria, pelas relações pessoais mantidas, nas quais as interações são simples de acontecer (Sternberg, 1986).

- *Gostar*, resulta das experiências do componente intimidade, onde se abstém a paixão e a decisão/compromisso. É um tipo de amor presente nos relacionamentos de amizade. Caracteriza-se pela proximidade e bondade, onde está presente a inexistência de paixão ou compromisso para uma relação a longo-prazo (Sternberg, 1986)

- *Amor Apaixonado ou Paixão*, trata-se do amor à primeira vista. É resultante deste uma vivência de excitação mental e física (Oliveira, 2013), onde está presente a ausência de intimidade e decisão/compromisso. Este tipo de amor surge rapidamente e da mesma forma se dissipa. Neste tipo de amor, manifesta-se sintomas como o aumento do batimento cardíaco ou até mesmo palpitações (Sternberg, 1986).

- *Amor Vazio*, é o tipo de amor presente em relacionamentos de longa duração, onde já teve presente a paixão e a intimidade, mas no cessar dessas agora só se encontra o compromisso. Este tipo de amor, por vezes aparece numa fase final do relacionamento por outro lado também esta presente em casamentos de realza ou casamentos arranjados por exemplo, onde inicialmente só existe compromisso para com o outro, desta forma pode ser visto como o início (Sternberg, 1986).

- *Amor Romântico*, deriva da combinação da intimidade e da paixão. As pessoas envolvidas com base neste tipo de amor, sentem-se atraídas pelo outro emocional e fisicamente (Sternberg, 1986). Com o tempo, podem perceber que a permanência do relacionamento é improvável ou tal como achar que o comprometimento é algo com que devem lidar apenas num momento futuro (Oliveira, 2013).

- *Amor Companheiro*, é um tipo de amor que evolui face à combinação da intimidade e da decisão/compromisso. Trata-se de essencialmente um compromisso de amizade para com o outro, isto acontece quando a atração física já cessou (Sternberg, 1986).

- *Amor Inconsequente*, resulta da combinação da paixão com a decisão/compromisso, onde a intimidade se encontra ausente. É o tipo de “amor relâmpago”, onde o conhecer, o namoro, o casamento ocorre num período de tempo demasiado curto. Trata-se de um amor inconsequente, do ponto de vista que não existe um elemento estabilizador íntimo, sendo que tudo o que é feito é na base do compromisso (Sternberg, 1986). Como este compromisso está apenas ligado à paixão, quando esta se dissipa qualquer tipo de problema pode fazer com que o relacionamento acabe (Oliveira, 2013).

- *Amor Consumado*, resulta da total combinação dos três componentes (paixão, intimidade e decisão/compromisso). É o tipo de amor que a maioria das pessoas procura, tendo em vista um relacionamento afetivo/amoroso duradouro, com a pertença dos três elementos básicos. Contudo, a obtenção deste equilíbrio pode não ser fácil (Oliveira, 2013).

A presença dos três componentes ajuda a predizer o grau de satisfação com a relação. Quanto mais paixão, intimidade e compromisso existir, maior é a probabilidade de se estar satisfeito com a relação (Amado, 2010).

*“O amor não consiste em olhar um para o outro,
mas sim em olhar junto para a mesma direção”
(Antoine de Saint-Exupéry)*

2.1. CONCEITOS DE RELAÇÕES AMOROSAS

Segundo alguns autores, o amor tem sido entendido como a base para as interações sociais, e a chave de todas as escolhas humanas (Neves, 2008, citado por Ferreira & Fioroni, 2010). São inegáveis a importância e a frequência com que o amor se mostra nas nossas vidas, dentro da nossa cultura (Ferreira & Fioroni, 2010).

Guareschi (1996, p. 82 citado por Ferreira & Fioroni, 2010) interpreta o conceito de relações como uma disposição, uma direção intrínseca em relação a outra que se aplica a uma realidade que não pode ser ela mesma sem que haja uma outra coisa, ou seja, é necessário que outro (s) exista (m) numa relação.

Algumas formas específicas de relacionamentos que incluem as relações de vinculação, relações de amizade, relações de proximidade, relações amorosas e relações de intimidade. Para alguns investigadores a intimidade e a proximidade são processos semelhantes, caracterizados pela união, compreensão, responsividade e confidências mútuas, (Mashek & Aron, 2004). Para outros, a intimidade e a proximidade são percebidas de forma diferente, nomeadamente, Schaefer e Olson (1981) que, na sua conceção de intimidade, sublinharam a diferença entre experiência íntima e relação íntima, considerando como experiências íntimas os fenómenos característicos das relações próximas, isto é, uma proximidade e/ou partilha entre duas pessoas, sem que no entanto se desenvolva uma relação íntima.

As relações amorosas, portanto, são fruto de uma determinação social e histórica. O modo como, cada um se relaciona afetivamente e sexualmente com o outro, o que se irá procurar num parceiro, os valores esperados numa relação e o modo como a mesma se irá configurar é condicionado pelo tempo histórico em que o sujeito está inserido (Ferreira & Fioroni, 2010)

Para Berscheid e Ammazalorso (2004), o conceito de relacionamento refere-se a duas pessoas, cujo comportamento é interdependente, em que a mudança de comportamento de um é suscetível de produzir uma mudança no comportamento do outro. Uma relação próxima denota um padrão de interação, que ocorre durante um longo período de tempo onde a influência de um parceiro no outro é forte e acontece frequentemente (Kelley et al., 1983). Em comum com outros relacionamentos íntimos, relacionamentos românticos envolvem a interdependência, sentimentos fortes, intenção

comprometida e autoconceito sobreposto, por outro lado é exclusivo das relações amorosas a paixão e o compromisso (Fiske, 2004).

De acordo com a teoria do desenvolvimento romântico apresentada por Furman e Wehner (citado por Oliveira, 2013) os relacionamentos românticos envolvem o estabelecimento de uma relação de vinculação, a prestação de cuidados e comportamentos sexuais.

No geral, as relações românticas são descritas como interações voluntárias mutuamente reconhecidas e consentidas, caracterizadas por uma intensidade diferente de outros relacionamentos com os pares e marcadas por manifestações de carinho e comportamentos sexuais (Diamond & Savin-Williams, 2003; Collins, Welsh & Furman, 2009, citado por Oliveira, 2013).

Já no que diz respeito aos jovens adultos, e em questões de amor, as relações tornam-se mais íntimas e cegas do que em estádios anteriores, havendo um foco menor no que diz respeito ao lazer e a um foco maior em explorar a intimidade emocional e física (Arnett, 2000 citado por Portela, 2015). Comparando com a adolescência, as relações românticas nos jovens adultos têm maior durabilidade e com uma maior predisposição para as relações sexuais e coabitação (Michael, Gagnon, Laumann & Kolata, 1995, citado por Portela, 2015).

2.2. DURAÇÃO E QUALIDADE DAS RELAÇÕES AMOROSAS

Bystronski (1995) defende que a satisfação e qualidade são entendidas como sinónimos. Deste modo a satisfação conjugal está associada a sentimentos de prazer, de bem-estar, e de felicidade na vida em geral (Narciso, 1994/1995), e por isso é um factor bastante importante na relação conjugal.

A satisfação relacional é a definição mais comum da manutenção da relação (Dindia, 2000 citado por Rodrigues, 2013).

Diferentes perspetivas teóricas explicam a manutenção e satisfação das relações amorosas. Kelley e Thibaut (1978 citado Rodrigues, 2013) assumem que as relações interpessoais se baseiam na maximização dos ganhos e minimização dos custos a eles associados, através da sua Teoria da Interdependência.

Por outro lado Rusbult (1980 citado por Rodrigues, 2013), baseando-se na Teoria da Interdependência, desenvolveu um modelo teórico denominado por “Modelo de Investimento” com o objetivo de estudar satisfação nas relações amorosas. Segundo o modelo de investimento, o desejo de manter ou não uma relação depende do nível de

compromisso que existe na relação, deste modo relaciona-se com o grau de satisfação que existe na relação (experiência de sentimentos positivos), qualidade das alternativas (acontecimentos fora do contexto da relação amorosa) e grau dos investimentos na relação (Rusbult, Coolsen, Kirchner, & Clarke, 2006)

Relacionando a duração com a qualidade/satisfação da relação, Hirsch & Paul (1996 citado por Campos, 2005) estabelecem uma distinção entre duas estratégias, numa relação duradoura o investimento é considerável, por outro lado num relacionamento de curta duração o investimento já poderá ser mínimo ou ausente.

Tendo em conta a duração das relações amorosas, Schitt et al. (2003 citado por Campos, 2005) define como relacionamento de longa duração, um relacionamento de investimento extenso elevando, sentimentos de amor e dedicação de recursos em tempo integral ao relacionamento em si e aos filhos que possam resultar dessa relação. Já o relacionamento de curta duração, é definida como um encontro sexual rápido, um encontro de uma noite, rápidas paixões ou relacionamentos transitório. O contínuo temporal das relações é o que define a sua duração.

Cindy Hazan, pesquisadora americana da Universidade de Cornell, em Nova Iorque, conduziu um estudo com 5000 pessoas e descobriu que os seres humanos são biologicamente programados para se sentir apaixonados entre 18 a 30 meses. Desta forma, após e durante este período, a relação encontra-se num ponto de situação com duas opções ou evolui e avança para estágios de amadurecimento e consolidação da relação ou a relação termina, partindo cada parte para um envolvimento num outro relacionamento, repetindo o ciclo (Robles, 2015).

De certa forma, pode-se então considerar que uma relação duradoura será posterior ou dentro do período de tempo dos 18 a 30 meses, sendo que uma relação de curta duração será o período de tempo inferior.

Relativamente, ao sentimento de amor de longa duração, tem-se demonstrado um fenómeno que proporciona o bem-estar dos indivíduos, estando positivamente relacionado com a satisfação conjugal, saúde mental e bem-estar geral (Sheets, 2014). Acevedo & Aron (2009 citado por Pontes, 2014) supõem que a tendência de se presumir que o amor romântico é incompatível com a longa duração de uma relação deve-se à diferença entre amor romântico e o amor apaixonado (ou paixão), dado que este último é mais predominante no início das relações e pode incluir comportamentos obsessivos, sentimentos de ambivalência e ansiedade.

Contudo ainda é muito pouca a existência de pesquisas dirigidas ao estudo de relações que envolvem estratégias de curta duração, isto deve-se ao facto de ser difícil

estudar relacionamentos desse tipo, que por definição representam um fenômeno transitório (Buss & Schmitt, 1993 citado por Campos, 2005).

2.3. RELAÇÕES AMOROSAS E A COMUNICAÇÃO NAS REDES VIRTUAIS

A Internet tornou-se um local privilegiado para a interação social (D'Amico, 1998). Através de e-mail, salas de chat, mensagens instantâneas, outros meios, as pessoas compartilham diversos aspectos das suas vidas diárias, falam de interesses e mantêm-se em contato com a família e amigos. A interação social tornou-se o principal uso dos computadores. (McKenna, Green, & Gleason, 2002)

A comunicação através das redes virtuais, ocorre por meio de linguagem escrita, de voz, de vídeo e até mesmo através de uma combinação destes vários meios.

Na comunicação online existem dois formatos o síncrono e o assíncrono. O formato síncrono, ocorre quando ambos os utilizadores da rede estão ligados ao mesmo tempo e a conversa ocorre em tempo real, como se fosse uma conversa telefónica. Em contrapartida, a comunicação assíncrona, não ocorre em tempo real, exemplo disso são a troca de e-mails é aquela que não acontece em tempo real (Ramalho, 2005).

A linguagem mais utilizada através destes meios de comunicação é a escrita, sendo que os relacionamentos virtuais, vieram gerar uma revalorização da mesma, pois é através desta capacidade de expressão que o indivíduo utiliza, que irá conquistar novas amizades e por fim estabelecer contatos afetivos (Semerene, 1998)

Nestes relacionamentos virtuais, a sequência de acontecimentos é invertida, sendo que no mundo real o encontro face a face, a troca de olhares o contacto físico ocorre anteriormente às conversas e ao estabelecer do grau de intimidade e conhecimento do outro. Atualmente a ordem que foi sendo modificada ocorre da seguinte forma, primeiramente as pessoas conversam, trocam informações sobre suas vidas, relacionam-se, gostam uma das outras, por vezes, apaixonam-se e no final conhecem-se fisicamente (Ramalho, 2005).

Com a influência da Internet, os indivíduos começaram a perceber que através deste meio, poderiam procurar, encontrar e conhecer um grande número de pessoas e eventualmente poderiam vir-se a apaixonar pelas mesmas. Deste modo, a internet passou a ser um espaço para a procura de relacionamentos amorosos (Ramalho, 2005).

Estudos realizados em 2013, indicam que 11% dos indivíduos sujeitos ao questionário, afirmaram que o seu parceiro é alguém que conheceram online (Smith & Duggan, 2013).

Apesar de serem relacionamentos virtuais, estes são vividos como muito reais e verdadeiros pelos parceiros. Contudo é normal questionar-se se o relacionamento virtual pode ser considerado um relacionamento. Gonçalves responde positivamente da seguinte forma: “É evidente que são [relacionamentos], dado que ligam dois sujeitos em processo comum. Noutras palavras, há um relacionamento porque há comunicação, porque algo é tornado comum..” (Gonçalves, 2000)

No entanto, segundo Gonçalves se as relações, ficam restritas ao mundo virtual, são consideradas como relações incompletas (por causa da falta do corpo do outro), artificiais (por dependerem de máquinas para a comunicação) e desviantes (por subverterem as finalidades da experiência amorosa, tais como a convivência, o casamento, o sexo, o encontro físico etc.) Desta forma acredita-se que os relacionamentos virtuais só serão positivos, se levados posteriormente para o mundo real (Gonçalves, 2000).

2.4. PROXIMIDADE NA RELAÇÃO

A proximidade é um dos mais altos valores da existência humana, sendo por vezes considerado o mais importante para o bem-estar e bom funcionamento dos seres humanos (Reis, Collins & Berscheid, 2000). Origina-se através das experiências de vinculação e que, perante a vulnerabilidade desencadeada por circunstâncias de desproteção, ativa os sistemas motivacionais de vinculação e de cuidado. Deste modo, os indivíduos procuram proximidade, para que se sintam cuidados e unidos ao outro.

A proximidade é considerada uma componente importante das relações românticas e surge na literatura como estado da relação ou como processo relacional (Mashek & Aron, 2004).

Neste sentido, todas as interações dos parceiros no dia-a-dia de uma relação podem gerar mais ou menos proximidade entre os dois. Toda esta proximidade afeta e é afetada pelos componentes: verbal (e.g. comunicação) e não-verbal (e.g. expressões faciais) e comportamentos de envolvimento (e.g. interesse, participação ativa). Assim como pelas variáveis de contexto: imediato, individual do parceiro, da relação e sociocultural (Fichten, Judd, Tagalakis, Amsel & Wright, 2001).

De modo a que estudar a proximidade fosse um objetivo, mais facilmente conseguido começou-se a utilizar o Modelo de Expansão do Self. Este modelo baseia-se no princípio de que todas as pessoas possuem uma motivação, maioritariamente inconsciente, para desenvolver o seu self. Uma das formas mais satisfatórias de o fazerem é o estabelecimento de relações de proximidade com outras pessoas e, particularmente,

com um parceiro romântico, através das quais podem usar o self um do outro, para um desenvolvimento conjunto (Aron et al., 2004; Aron & Aron, 2008).

A inclusão do self do parceiro no próprio self permite diversos propósitos, visto que o indivíduo tem acesso a diferentes perspectivas, identidades, conhecimentos, capacidades, recursos monetários e sociais, entre outros, da outra pessoa (Aron et al., 2004; Aron & Aron, 2008).

Este modelo tem sido trabalhado por vários colaboradores (Aron, Aron, MacLauglin-Volpe, Mashek, Lewandowisk & Wright, 2004) e solicita que, nas relações de proximidade, os outros tornam-se em certa medida parte do self, uma vez que 1) uma das motivações principais do ser humano é expandir o seu self e 2) uma das formas, através da qual essa expansão ocorre, é pela inclusão de partes dos outros que nos rodeiam e que são próximos. (Aron et al, 2004).

Contudo se o outro é incluído em demasia no self, então o seu controlo pessoal e identidade estão ameaçados (Aron et al, 2004).

A relação entre a proximidade relacional e a qualidade da relação foi demonstrada num estudo de Mashek & Sherman (in press, citado por Aron et al., 2004), no qual se percebeu que os indivíduos que não descrevem qualquer discordância entre o nível desejado e o nível real de proximidade, referem uma elevada qualidade relacional. Pelo contrário, quando existe discrepância entre os dois níveis de proximidade, independentemente de se tratar de um desejo de maior ou menor proximidade, relata-se um agravamento da qualidade relacional, contudo poderá estar muito relacionado com expectativas e não realidades.

Desta forma a proximidade surge como condição satisfatória elementar de uma relação, num grupo de cinco diferentes tipos de necessidades: intimidade, sexualidade, envolvimento emocional, companheirismo e envolvimento intelectual (Drigotas & Rusbult, 1992). A maioria das suas definições parece enfatizar, de algum modo, a interdependência de comportamentos, o cumprimento de necessidades e a ligação emocional (Greeff & Malherbe, 2001).

CAPÍTULO III – O DESEJO, O EU E O OUTRO

3.1.O EU E A SUA RESPOSTA NA RELAÇÃO AMOROSA

A procura de um objeto de amor é uma característica da condição humana, sendo uma relação amorosa a que mais poderá contribuir para um desenvolvimento do indivíduo, uma vez que o amor fortalece o Self e este, fortalecido, é capaz de estabelecer e desenvolver relações verdadeiras e com profundidade (Mesquita, 2013).

As relações e padrões de interação que se estabelecem precocemente irão determinar um conjunto de perceções sobre o Self, o objeto e as relações com esse, serão determinantes na constituição das representações acerca do Self a saber – representação de um Self coeso, desvalido, incompleto e indefinido (Mesquita, 2013).

Epstein (1993) considera, na sua teoria sobre o Self, a existência de quatro necessidades. A necessidade de maximizar o prazer e minimizar a dor, a necessidade de assimilar a informação da realidade num sistema conceptual estável e coerente, a necessidade de proximidade e a necessidade de autoestima. A teoria postula que estas necessidades interagem entre si e que o funcionamento adaptativo requer que seja mantido equilíbrio entre elas.

Por outro lado, Joffe e Sandler (1967 citado por Mesquita, 2008) referem que quanto maior o bem-estar próprio, melhor será o relacionamento com os outros.

Também Blatt (1990 citado por Campos, 2003) refere-se à construção do Self como um aspeto central do desenvolvimento do indivíduo e da sua personalidade. Nesta perspetiva, a interação harmoniosa entre o estabelecimento de relações interpessoais progressivamente mais maduras, “recíprocas, mutuamente satisfatórias, estáveis e duradouras” (p. 91) e, por outro lado, o desenvolvimento de uma identidade ou de um sentido do Self consolidado, diferenciado, estável e cada vez mais integrado são duas linhas fundamentais para o desenvolvimento individual. Desta forma, defende-se que um Self progressivamente mais sólido facilita o estabelecimento de relações cada vez mais maduras, estáveis e satisfatórias, sendo capaz de corresponder às necessidades da melhor forma possível.

A busca de um objeto de amor, segundo Mesquita (2013), “parece ser uma característica da condição humana, sendo a relação amorosa uma das que mais poderá contribuir para o desenvolvimento do indivíduo” (p. 102). Esta afirmação, baseia-se no facto do Self ser mais fortalecido pela relação de amor; por outro lado, um Self fortalecido torna-se mais capaz de estabelecer relações com profundidade e desta forma consegue estar mais presente na relação e disponível para responder a si ou a outro. De acordo com Leone (2008), o indivíduo procura na relação amorosa experiências que o ajudem a consolidar e manter um sentido do Self coeso.

As relações amorosas alteram o Self de cada indivíduo, pelo fato de cada parceiro amoroso ter grande impacto (Agnew, 2000; Aron, Aron, Tudor & Nelson, 1991). Este é um facto que tem grande impacto na vida dos adultos (Slotter, Gardner, & Finkel, sd).

Tendo em conta a interdependência que caracteriza as relações amorosas (Agnew, 2000) aquando da separação, o self de cada indivíduo e o seu conhecimento sobre o mesmo, vê-se a ser alterado sendo necessário redefinir-se novamente.

Apesar disso, muitas vezes a dependência do parceiro romântico chega a confundir o próprio “Eu” do indivíduo, uma vez que as linhas de autoconceito de cada um têm tendência para ficar mais interligadas chegando a confundir-se. Essa dependência por vezes é tão exagerada e o comprometimento tão grande que os parceiros românticos deixam de usar a primeira pessoa para se referirem a eles próprios, passando só a usar “nós, nosso, nossa”, desta forma a sua relação amorosa é o aspeto mais central da vida (Agnew, Van Lange, Rusbult, & Langston, 1998).

É então importante ter em atenção, o contributo de Kernberg (1989, 1995 citado por Mesquita, 2013), que afirma ser necessário, na paixão, um atravessar das fronteiras do Self em direção ao outro, mantendo, contudo, uma identidade separada. Contudo só é possível quando as fronteiras desta estrutura psíquica estão bem delimitadas, não permitindo a emergência de um sentimento de dissolução do Eu no outro.

3.2. A RESPOSTA DO OUTRO NA RELAÇÃO AMOROSA

Os seres humanos, por serem seres sociais, precisam uns dos outros e isto adquire uma maior importância quando o assunto é o amor (Almeida, 2004).

A felicidade da pessoa na relação é consequência da comparação que esta faz entre os relacionamentos passados e o atual (Sternberg, 1989 citado por Lopes, 2012) e das expectativas que constrói sobre o seu parceiro (Silva & Pereira, 2005). Assim sendo, a pessoa está satisfeita quando o parceiro real supera as expectativas quando a relação real supera o que a pessoa espera dessa relação (Arriaga, citado por Lopes, 2012) e os seus desejos se vêm correspondidos.

Clark (1993 citado por Rodrigues, 2013) distingue nas relações amorosas dois tipos: relações de troca (exchange relationships) e relações comunais (communal relationships). Enquanto no primeiro tipo de relação deve haver uma troca entre o que se dá e o que se recebe, no segundo tipo o que se dá à outra pessoa tem a ver com o que se percebe que ela precisa, sendo o principal objetivo que o seu próprio desejo e necessidade seja correspondida.

No entanto, para que as necessidades seja adequadamente correspondidas o individuo tem de ter, não só uma disponibilidade física, mas uma disponibilidade psíquica para que o encontro com o outro seja mais completo (Almeida, 2004).

De forma a complementar a afirmação anterior, apresenta-se o exemplo: o ser humano não gosta de se sentir só, angustiado e insatisfeito. É então necessário para completar estas faltas alguém que responda da melhor forma possível a todas as estas questões que o individuo apresenta.

É então perceptível que o outro pode tomar-se como um poderoso reforçador, pelo facto de conseguir reduzir com a sua presença e resposta às necessidades, os estados internos anteriormente referidos (Almeida, 2004).

Existem evidências na literatura empírica, desde da década de 1950, de que quanto maiores as necessidades de uma pessoa, mais ela produzirá fantasias sobre o objeto que poderá satisfazê-las (Schachter, 1963; Tennov, 1979 citado por Almeida, 2004), procurando assim no seu parceiro as respostas para a mesma satisfação.

3.3.O DESEJO NA RELAÇÃO AMOROSA

O aparelho psíquico é formado a partir de uma indiferenciação entre o eu e o mundo e os registos (ou marcas mnemônicas, relacionadas com o aparelho psíquico) de prazer e desprazer provenientes de experiências vividas. O princípio do prazer ainda não está constituído e organiza-se a partir do momento em que se começam a estabelecer as ligações parciais e as equivalências de prazer entre as marcas de memória. Com as primeiras experiências de satisfação, o aparelho psíquico começa a identificar o acúmulo de excitação como desprazer, deste modo impulsiona a procura para reviver tais experiências de satisfação. Através da corrente excitatória do aparelho psíquico que regula os sentimentos de prazer e de desprazer surge o desejo (Pinheiro, s.d).

Quando o sujeito deseja, ele quer alcançar a satisfação proveniente da descarga da pressão pulsional, isto é, do acumular de desprazer no aparelho psíquico, que é produzido pela falta. É por isso que o sujeito permanentemente deseja algo ainda que possa ser inconsciente, esse desejo é um reviver de um registo singular de prazer e amparo. (Pinheiro, s.d)

Em psicanálise, quando se fala em desejo, remete-se a uma falta, pois o desejo é sempre um anseio inconsciente de um objeto perdido que, na ilusão do sujeito, lhe vai satisfazer plenamente (Pinheiro, s.d), nomeadamente no CRQ 6.0 - Central Relationship

Questionnaire (Anexo I), o desejo remete para a satisfação das suas necessidades por parte do seu parceiro, sendo que um dos principais pontos de avaliação.

O desejo funda-se na perda do objeto, sendo esse momento a entrada do indivíduo numa relação contínua com a insatisfação. O desejo mantém – se sempre insatisfeito. E é tal insatisfação que leva o sujeito a estar presente numa contínua busca por novos objetos, sempre na tentativa de encontrar esta satisfação (Kuss, 2014).

O desejo não se trata de uma produção original do sujeito, o desejo está por outro lado ligado ao outro, porque é a partir do Outro que o indivíduo se vai constituindo.

Deste modo, segundo Lacan, a relação do indivíduo é marcada pela relação com o objeto sendo esta fugaz, pois está sempre à procura de novos objetos, que proporcionem a plenitude da satisfação (Lacan, 1959/1960).

Apesar disso a intensidade do desejo nas relações é algo ambivalente. O desejo vai e vem. Mais do que ser ambivalente desejo e amor, não são sinónimos. Amar é ter e desejar é querer (Young, 2015).

No amor, sente-se a necessidade de ter, ter a proximidade, ter a pertença. Mas no desejo, ambiciona-se algo mais imprevisível e desconhecido (Young, 2015). Procura-se a emoção que acompanha a busca daquilo que, cada indivíduo ambiciona encontrar no outro. Nesta emoção do desejo vem o mistério e a incerteza.

O trabalho de Esther Perel, veio confirmar que por um lado existe a necessidade de segurança, familiaridade e previsibilidade, mas também é necessário a imprevisibilidade, aventura, mistério e surpresa (Young, 2015).

Apesar de ser importante sentir segurança no relacionamento é necessário também sentir que a relação tem o poder de permanência e que a pessoa com a qual se partilha uma relação, não irá terminar a mesma sem que esse acontecimento possa ser previsível. Existe a necessidade de saber em que ponto a relação está e trabalhar o desejo nesse sentido (Young, 2015).

O problema é que se está a pedir tudo isto apenas e unicamente de uma pessoa. Querer que o parceiro seja previsível, seguro no qual se possa confiar e ainda um amante excitante e apaixonado é algo que se pode tornar difícil e conflituoso. O que se pretende é um desejo, ainda que imprevisível um tanto ao quanto seguro (Young, 2015). Contudo a vida apresenta muito impedimento à realização dos desejos humanos e isso gera frustrações, sofrimento, decepção e tarefas impossíveis ao sujeito quando as expectativas não são atendidas (Freud, 1930).

O Desejo tem de envolver desapego suficiente para ser capaz de se fantasiar, imaginar, é por isso que as marcas de prazer que impulsionam o desejo de uma pessoa

são organizadas de forma singular, pois num mesmo objeto ou acontecimento não satisfaz duas pessoas da mesma forma, por mais que elas tenham muita afinidade (Pinheiro, s.d).

A mente quando tenta explicitar os seus desejos não é necessariamente um politicamente correto – mas é excitante e é isso que faz ansiar a experiência. O desejo vem com uma gama de sentimentos que durante o dia irá fazer com que, cada indivíduo projeta o seu desejo, ainda que imaginado e socialmente adequado (Young, 2015).

O desejo é então uma experiência que se realiza fora da realidade, é por isso que segundo Freud “os sonhos não passam de realizações de desejos” (Freud, 1900/1901), pois de certa forma o sonho torna-se a realização de um desejo ainda que inconsciente.

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO IV - ENQUADRAMENTO DO ESTUDO

4.1. ENQUADRAMENTO DO ESTUDO

O relacionamento amoroso é um fenómeno complexo que tem despertado cada vez mais a necessidade de compreender as variáveis e os processos implicados na sua qualidade e na sua estabilidade. Somado a isso, a diversidade das relações leva a que sejam necessários revisões sobre os conceitos de amor, sexualidade, qualidade, proximidade entre outros aspetos que permeiam as relações amorosas (Mosmann et al., 2010; Wagner e Mosmann, 2010).

Considerando que os relacionamentos amorosos são centrais na vida adulta, a existência ou pelo contrário a falta de qualidade tem implicações na saúde mental, física e laboral de homens e mulheres (Falcke, 2003; Zordan, 2003; Norgren et al., 2004; Wagner e Mosmann, 2008; Silva Neto et al., 2009) é importante que este aspeto seja estudado. Desta forma a qualidade será umas das variáveis importantes neste estudo não só pelas implicações que poderá ter nos indivíduos, mas porque vários estudos que têm trabalhado este assunto determinam que a qualidade na relação amorosa está relacionada com um equilíbrio entre ganhos e custos na relação (Spanier & Lewis, 1980); tipo de motivação para manter a relação o que de certa maneira coloca a questão de que será que se irá interligar com o tempo de duração da relação amorosa, sendo uma importante questão no que diz respeito ao que poderá vir a influenciar a qualidade da relação?

Relativamente à proximidade, algumas pesquisas nacionais e internacionais indicam que a proximidade tem status de preditor de qualidade nos relacionamentos. E ainda Mirgain e Cordova (2007) verificaram, num estudo realizado, que a habilidade emocional dos cônjuges parece estar associada à satisfação conjugal e que esta associação é mediada pela proximidade. Desta forma um dos aspetos a ser analisado no presente estudo, remete para a questão: Será que a proximidade influencia a qualidade da relação amorosa?

Como instrumento deste estudo, tomou-se por base o Central Relationship Questionnaire – CRQ 6.0 e as suas dimensões – desejo, resposta do outro e resposta do eu. Relativamente ao desejo e a forma como poderá ser correspondido, terá influência na duração da relação e no seu tempo de duração? E a resposta do outro? A forma como o meu parceiro responde às minhas necessidades é influência na qualidade e no tempo que dura a relação a minha relação?

E por fim a resposta do Eu, será que cada parceiro responde corretamente às necessidades do outro ou pelo contrário isso não acontece. Dessa forma a qualidade da relação e o seu tempo de duração será influenciado?

Mas não só relacionado com a qualidade da relação poderá estar proximidade e as dimensões acima referidas, como também o tempo que cada parte do casal despende em conversar através das redes virtuais, ao invés de manter as comunicações entre eles num ambiente natural e normal como o face a face.

Estudos indicam que cada vez mais os casais passam o seu tempo a conversar através de redes virtuais isto porque, a internet pode funcionar como um facilitador de comunicação entre o casal, pois é através dos meios virtuais que cada parte do casal por dizer ao outro o que presencialmente poderia ser mais difícil (Neto, Mosmann, & Lomando, 2009), assim sendo será este um fator de influência para a qualidade?

4.2.OBJETIVOS

4.2.1Objetivo Geral

Considerando a importância que as relações amorosas tem na vida de cada pessoa, o objetivo geral desta investigação passa por analisar a qualidade da relação (variável dependente), verificando se esta é influenciada por outros fatores.

4.2.2.Objetivo Específicos

Para complementar o objetivo geral, os objetivos específicos direcionam-se da seguinte forma analisar, se a qualidade da relação é influenciada pelas variáveis independentes (tempo de duração da relação, proximidade, dimensões do CRQ 6.0, tempo dispensado nas redes virtuais para comunicar com o parceiro).

4.3.HIPÓTESES

H1: A qualidade da relação amorosa é influenciada pelo tempo de duração da relação amorosa

H2: A qualidade da relação amorosa é influenciada pela proximidade entre os parceiros românticos

H3: Existe correlação entre a qualidade da relação amorosa e o CRQ 6.0 (Desejo, Resposta do Outro e Resposta do Eu)

H4: Existe correlação entre o tempo de duração da relação amorosa e o CRQ 6.0 (Desejo, Resposta do Outro e Resposta do Eu)

H5: Existe correlação entre o tempo de comunicação dispensado nas redes virtuais para comunicar com o parceiro e o tempo de relação

H6: A qualidade da relação amorosa é influenciada pelo tempo de comunicação dispensado nas redes virtuais para comunicar com parceiro

CAPÍTULO V - METODOLOGIA

5.METODOLOGIA

5.1.Procedimentos

5.1.1.Delineamento ou Desenho do Estudo

Trata-se de um estudo exploratório, que se baseia numa abordagem quantitativa sendo que deste modo as técnicas de recolha, apresentação e análise dos dados recolhidos permitiram uma quantificação dos mesmos e o próprio tratamento através de métodos estatísticos.

5.1.2.Participantes/Amostra

Neste estudo participou uma amostra de 322 sujeitos, os quais foram previamente informados do objetivo da investigação, através de um consentimento informado. Saliu-se o caráter voluntário da participação, assim como foi assegurada a confidencialidade e anonimato dos resultados.

A investigação foi dirigida a uma população que englobasse sujeitos que tinham um relacionamento amoroso na altura da recolha de dados. Como critérios de inclusão, para a participação do estudo foram considerados os seguintes: a) idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos; b) nacionalidade portuguesa (critério de inclusão necessário aquando da recolha de dados realizada através de questionários online (Anexo I)) e c) manter um relacionamento amoroso.

Neste sentido e mediante os critérios mencionados, foram excluídos 143 sujeitos. Desta forma resultou, uma amostra final de 179 participantes ($N=179$).

5.1.3.Procedimentos na Recolha de Dados

A aplicação dos instrumentos, foi efetuada de duas formas: 1) em papel (presencialmente, em sala de aula com a autorização prévia do docente da cadeira lecionada) pelos alunos/as da Universidade de Évora do 1º ano de Licenciatura de diferentes cursos, no decorrer do ano letivo 2015/2016; e 2) via *online* (através de duas plataformas Formulário do Google e Qualtrics), disponibilizada através de grupos do *Facebook* da área de Psicologia e pelo *e-mail* por intermédio do contato eletrónico central dos alunos de 2º ciclo da Universidade de Évora.

A recolha de dados para a amostra ocorreu entre Outubro a Novembro de 2015 (em papel) e Novembro de 2015 a Maio de 2016 (via *online*).

5.1.4. Instrumentos

No presente estudo, solicitou-se aos participantes a resposta a um protocolo de investigação (Anexo I) constituído por: a) Instruções, b) Questionário Sociodemográfico e c) Bateria de Três Questionários: o Relationship Questionnaire - QRA, IOS - Escala de Inclusão do Outro no Self e CRQ 6.0 – Questionário de Relacionamento Central.

Instruções

O protocolo de investigação foi acompanhado por uma folha introdutória – Instruções. Nesta folha inicial salientou-se a necessidade de ser honesto nas suas respostas e seguir a ordem que estava apresentada. Informou-se que os dados seriam tratados em conjunto e que as respostas de cada indivíduo estava sujeito à sua confidencialidade.

Elucidou-se também aos sujeitos que, a qualquer momento poderiam desistir do estudo sem quaisquer implicações.

Caso os participantes estivessem de acordo com a participação na investigação, deveriam efetuar uma rubrica no final da folha.

Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico, fornecia informação caracterizadora dos sujeitos que foram inquiridos. Num total de 12 perguntas pediu-se a indicação de género, idade, nível de escolaridade, curso, residência, se mantinha algum relacionamento amoroso do tipo *online* ou tradicional, tempo de duração da relação, rede social que mais utiliza e o tempo que passa nela a falar com o seu parceiro amoroso. Questionou-se no fim se caso não tivesse um relacionamento atual, quantos já tinha mantido.

Bateria de Três Questionários

Adaptados à população portuguesa, com uso de escalas tipo *Likert*, aplicados na seguinte ordem: 1) **QRA – Relationship Questionnaire** (Dixe, et al., 2014), 2) **IOS -**

Escala de Inclusão do Outro no Self (Aron, Aron & Smollan, 1992), 3) **CRQ 6.0 – Questionário de Relacionamento Central** (Barber, Foltz & Weinryb, 1998)

QRA – Relationship Questionnaire, trata-se de um instrumento constituído por 22 perguntas, inicialmente com três opções de resposta (*sim, não e às vezes*). Durante o processo de validação e equivalência, sugeriu-se respostas do tipo *Likert* com 4 pontos, variando de 1 (nunca) a 4 (frequentemente), pelo facto da fidedignidade de uma escala aumentar consideravelmente a partir de duas opções de resposta (Dixe, et al., 2014).

Destina-se a avaliar a existência de sinais que possam indicar um relacionamento não saudável, sendo que pontuações mais elevadas correspondem a relacionamentos menos saudáveis (Dixe, et al., 2014).

IOS – Escala de Inclusão do Outro no Self, foi elaborada em 1992, por Aron, Aron e Smollan. Trata-se de um instrumento composto apenas por um item, fazendo correspondência a sete representações gráficas com diferentes graus de sobreposição de dois círculos. Cada um desses círculos representa um dos membros do casal e a proximidade que existe entre o mesmo. Neste sentido é pedido aos sujeitos que escolham a representação gráfica que exhibe a relação conjugal, no que diz respeito ao nível de proximidade (Aron, Aron & Smollan, 1992 cit. por Crespo, 2007).

CRQ 6.0 – Questionário de Relacionamento Central é um instrumento de autorrelato desenvolvido para avaliar o padrão central de relacionamento conflituoso, tendo por base o **Core Conflitual Relationship Theme – CCRT**, desenvolvido por Lester Luborsky (1976).

É um procedimento clínico de avaliação do conflito relacional, composto por três dimensões: Desejo (D), Respostas do Outro (RO) e Respostas do Eu (RE).

A versão inicial do CRQ finalizada através de estudos piloto consistia em 65 itens de Desejo (D), 51 itens de Resposta do Outro (RO) e 64 itens de Resposta do Eu (RE). Estes itens correspondem a 8 subescalas de Desejo (ser um suporte, que o outro se sinta bem, ser conflituoso, ser amado, ser reconhecido, confiar em, ser independente, ser sexualmente atraente) (Barber & cols., 1998).

No que diz respeito às subescalas da Resposta do Outro (magoa-me, ama-me, é independente, está fora do controlo, é sexual) e nas 8 subescalas da Resposta do Eu (sinto-me valorizado, preocupo-me com o outro, sinto-me ansioso, sinto que não gostam de mim, sou bem sucedido, sou independente, evito o conflito, sou sexualmente atraente) (Barber & cols., 1998).

Após vários estudos, o Central Relationship Questionnaire 6.0, contém 40 itens referentes ao Desejo (D) dos indivíduos, 23 dos itens referem-se às respostas do outro (RO) e por último os 38 itens dizem respeito às respostas do próprio (RE) face à reação

dos outros indivíduos. Por sua vez os itens de D correspondem a 12 subescalas (ser fechado, ser distante, ser dominador, ser hostil, ser independente, ser amado, ser reconhecido, ser seguro, ser sexualmente atraente, ser submisso, ser um suporte e ser verdadeiro (confiável)), o indivíduo deverá responder o quanto os seus desejos se aplicam ou aplicaram na sua relação com o seu parceiro romântico quando o relacionamento está ou estava no pior momento (Barber & cols, 1998; Weinryb & cols., 2000).

Na dimensão RO, existem 8 subescalas (é distante, é dominador, é hostil, é independente, é amado, é atraente, é submisso é descontrolado), da mesma forma que anteriormente é solicitado ao indivíduo que responda sobre a sua relação e como avalia a forma como se sente que o seu parceiro lhe responde (Barber & cols, 1998; Weinryb & cols., 2000)

Por fim, a dimensão RE contém 13 subescalas (sou ambivalente, sou ansioso, sou fechado, sou distante, sou dominador, não sou querido, sou independente, não sou conflituoso, sou atraente, sou submisso, sou bem sucedido, sou um suporte e sou valorizado), desta forma visa-se identificar a própria resposta do indivíduo ao seu parceiro (Barber & cols, 1998; Weinryb & cols., 2000).

Os itens negativos devem ser invertidos. São itens negativos na dimensão D: 2, 6, 7, 8, 10, 14, 21, 24, 25, 33, 35, 38 e 40; na RO são: 3, 4, 6, 7, 9, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 20 e 21; e na RE são: 4, 5, 6, 7, 10, 12, 13, 15, 16, 17, 19, 21, 23, 26, 29, 30, 31, 32, 36 e 37 (Barber & cols., 1998).

As respostas são do tipo *Likert*, numa escala de 7 pontos, que varia entre 1 (nunca verdadeiro) a 7 (sempre verdadeiro). Para uma avaliação do CRQ 6.0 quanto menor for a pontuação, maior será a intensidade do conflito.

Antes de ser solicitado que responda às dimensões do instrumento, é pedido que o indivíduo classifique a importância do seu parceiro na sua vida. Desta forma responde a seis questões 1) Quão próxima é, ou, foi essa pessoa de si? 2) Quão íntima é, ou, foi essa relação com essa pessoa? 3) Quanto representa, ou representou, essa pessoa como figura de autoridade para si? 4) Quão importante é ou foi para si? 5) Quão agradável é, ou foi, essa relação no seu melhor? 6) Quão difícil é, ou foi, essa relação no seu pior? (Santos & Yoshida, 2012).

Da mesma forma que as dimensões, as respostas as estas perguntas são dadas através de uma escala de tipo *Likert*, onde 1 demonstra dificuldades no relacionamento, como distanciamento e falta de intimidade, já 7 revela facilidade no relacionamento. O objetivo principal é avaliar clinicamente os conflitos relacionais (Santos & Yoshida, 2012).

CAPÍTULO VI - RESULTADOS

6.1. RESULTADOS

6.1.1. Análise Descritiva da Amostra

A amostra total é constituída por 179 participantes, sendo que 164 (91,6%) são do género feminino e 15 (8,4%) são do género masculino.

No que diz respeito, às idades dos participantes, estas compreendem-se entre os 16 e os 24 anos, sendo a sua média de 19,54 e o desvio padrão de 2,81. A idade mais frequente na amostra foi de 18 anos.

Relativamente à escolaridade, 7 (3,9%) dos participantes não colocou uma resposta, 23 (12,8%) dos participantes frequenta o 9 ano de escolaridade, 5 (2,8%) dos participantes frequenta o 10 ano de escolaridade, já no 11º e 12º encontram-se 11 (6,1%) e 78 (48,6%) respetivamente. A amostra conta ainda com 48 (26,8%) dos participantes Licenciados e 7 (3,9%) dos participantes Mestres.

No que concerne às relações amorosas, 153 (85,5%) dos participantes responde ter uma relação amorosa saudável, já 26 (14,5%) dos participantes diz que a sua relação não é saudável. No que se refere ao tempo de duração de uma relação amorosa, 63 (35,2%) dos participantes tem uma relação curta, os restantes 116 (64,8%) dos participantes tem uma relação longa.

Relativamente à orientação sexual dos sujeitos inquiridos, 167 (93,3%) dos participantes é heterossexual, 5 (2,8%) dos participantes é homossexual e 7 (3,9%) dos participantes responde que a sua orientação sexual é de outro tipo. A esta pergunta as respostas variaram por pansexual e bissexual.

Estes dados podem ser observados na tabela que abaixo se segue, bem como no anexo das estatísticas descritivas (Anexo II).

Tabela 1
 Caracterização Sociodemográfica da Amostra (N=179)

	Média	Desvio-Padrão
Idade	19,54	2,81
	Frequência	Porcentagem (%)
Gênero		
Masculino	15	8,4
Feminino	164	91,6
Orientação Sexual		
Heterossexual	167	93,3
Homossexual	5	2,8
Outro	7	3,9
Nível de Escolaridade		
Sem Dados	7	3,9
9º Ano	23	12,8
10ª Ano	5	2,8
11ºAno	11	6,1
12ºAno	78	43,6
Licenciaturas	48	26,8
Mestrado	7	3,9
Qualidade da Relação		
Saudável	153	85,5
Não Saudável	26	14,5
Tempo de Duração da Relação		
Curta	63	35,2
Longa	116	64,8

6.1.2. Análise Exploratória da Amostra com a qualidade / tempo de duração e proximidade da Relação Amorosa

Como análise preliminar, realizou-se um estudo exploratório da amostra interligando com outras variáveis, observando desta forma qual o valor de N associado à qualidade de relação (saudável e não saudável), tempo de duração (curta e longa) e ainda proximidade (menos próximo do parceiro e mais próximo do parceiro).

No que diz respeito ao género dos participantes inquiridos, na qualidade da relação 144 dos participantes do género feminino mantêm uma relação saudável, sendo o maior número a destacar. Aponta-se o número mais baixo para uma qualidade não saudável, no género masculino com 6 participantes.

Quanto à variável independente, tempo de relação, o número maior de participantes encontra-se numa relação mais duradoura com 105 participantes do género feminino, somente 4 do género masculino encontra-se numa relação mais recente de até 12 meses. Já na proximidade os sujeitos que mais se destacam são os do género feminino, com uma proximidade mais forte com o seu parceiro, sendo 135 dos participantes. O género masculino destaca-se mais numa proximidade mais fraca, apenas 3 dos participantes.

No que concerne à idade com a qualidade de relação, os indivíduos com 18 anos são os que mais apontam ter uma relação saudável, ao contrário dos indivíduos com idades entre os 20 e 21 que dizem ter relações menos saudáveis.

Relativamente ao tempo de relação, as relações mais curtas pertencem maioritariamente a indivíduos com 16 anos, sendo que as relações mais duradouras já estão ligadas a indivíduos com 24 anos.

Por último, ao auferir os dados da proximidade analisa-se que os indivíduos que se sentem menos próximos face ao seu parceiro estão entre os 19 e os 21 anos, já aqueles que estão numa grande proximidade com o seu parceiro compreende uma idade de 18 anos.

Estes dados podem ser detalhadamente observados na tabela que abaixo se segue, bem como no anexo das estatísticas descritivas (Anexo II).

Tabela 2
Análise Exploratória do Gênero com a Qualidade, Tempo de Duração e Proximidade da Relação

	Qualidade da Relação		Tempo de Duração da Relação		Proximidade	
	Saudável	Não Saudável	Curta	Longa	Menos Próximo	Mais Próximo
Gênero						
Feminino	144	20	59	105	29	135
Masculino	9	6	4	11	3	12

N= 179

Tabela 3
Análise Exploratória da Idade com a Qualidade, Tempo de Duração e Proximidade da Relação

N= 179

	Qualidade da Relação		Tempo de Duração da Relação		Proximidade	
	Saudável	Não Saudável	Curta	Longa	Menos Próximo	Mais Próximo
Idade						
16	25	5	21	9	6	24
17	21	4	11	14	2	23
18	26	4	12	18	4	26
19	11	2	4	9	1	12
20	12	1	6	7	3	10
21	5	1	1	5	1	5
22	21	3	6	18	5	19
23	15	2	1	16	5	12
24	17	4	1	20	5	16

6.1.3. Estudo das Características Psicométricas dos Instrumentos

O alpha de cronbach trata-se de uma das medidas mais utilizadas para a verificação da consistência interna de grupo de variáveis (Pestana & Gageiro, 2014). O coeficiente do alfa faculta informações sobre o tipo de associação das variáveis.

Os valores variam entre 0 e 1, de forma a definir-se a consistência interna entre os mesmos (Pestana & Gageiro, 2014)

Os valores alcançados para o coeficiente de *alfa de Cronbach* dos instrumentos são apresentados nas seguintes tabelas.

Tabela 4

Valores do Coeficiente de Alpha de Cronbach do QRA

	QRA
Alpha de Cronbach	.80

Relativamente ao QRA, o valor do coeficiente de *alfa de cronbach* obtido de $\alpha=.80$, está dentro dos valores obtidos por Dixe e os seus colegas em 2014, cujo o valor que foi alcançado foi de $\alpha = .84$. Deste modo o valor obtido através do coeficiente de *alfa de cronbach* ($\alpha=.80$) mostra uma consistência interna do questionário boa.

O instrumento do CRQ 6.0 é constituído por 3 dimensões: Desejo, Resposta do Outro e Resposta do Eu, deste modo foi necessário calcular individualmente cada alfa (Tabela 4). A dimensão Desejo apresenta um *alpha de Cronbach de* .93, considerando-se um muito bom indicador de consistência interna. Este valor encontra-se dentro dos valores que foram obtidos em 1998, $\alpha=0.9$, Barber & Weinryb, já em 2009 noutra estudo realizado em pacientes cardíacos (Sanches, 2009) os valores obtidos variaram entre $\alpha= .85$ e $.89$.

Na dimensão Resposta do Outro, o valor de alfa apresentado é de $.60$, o que é considerado uma consistência fraca (Pestana & Gageiro, 2014) ou questionável (George & Mallery, 2003). Este valor de alfa obtido, encontra-se abaixo dos valores auferidos no estudo de Barber em 1998 $\alpha=.88$ e no estudo de 2009 (Sanches, 2009) α a variar entre $.88$ e $.91$

O mesmo aconteceu na dimensão da Resposta do Eu, onde o alfa obtido apresenta um valor de $.61$, o que resulta numa consistência interna fraca ou questionável. Este valor de alfa encontra-se abaixo dos valores apresentados nos estudos acima referidos, em 1998 o alfa auferido foi de $.89$, já em 2000 o alfa apresentado variou entre $.82$ e $.87$.

Tabela 5

Valores de Coeficiente de alpha de Cronbach das dimensões do CRQ 6.0

	Desejo	Resposta do Outro	Resposta do Eu
Alpha de Cronbach	.93	.60	.61

6.1.4. Estudo das Hipóteses

Com o objetivo de responder às hipóteses do estudo, procedeu-se à elaboração de correlações, onde a apresentação dos resultados será através do *p.value*.

Como nota é necessário, proceder à explicação de que a variável qualidade de relação e tempo de duração de relação, foram divididas por dois níveis. Este procedimento ocorre devido à simplificação da base de dados e agrupamento das variáveis e neste sentido a apresentação de saudável e não saudável e curta ou longa duração.

Destes procedimentos estatísticos obtiveram-se os seguintes resultados:

(O anexo II, apresenta os outputs com os dados estatísticos detalhados)

6.1.4.1. Estudo da H1: A qualidade da relação amorosa é influenciada pelo tempo de duração da relação amorosa

De forma, a que o objetivo acima pudesse ser viabilizado, realizou-se a elaboração de uma correlação de forma a se poder auferir determinados valores. Assim não se observam valores estatisticamente significativos no que diz respeito à qualidade da relação amorosa ser influenciada pelo tempo de duração. Em ambas as correlações não existem dados estatisticamente significativos e as diversas correlações amostrais (Correlação de Pearson) demonstram ser fracas. (cf. Tabela 6).

Tabela 6

Valores de Correlação entre Qualidade e Tempo de Duração

	Qualidade	
	Saudável	Não Saudável
Tempo de Duração		
Curta Duração		
Correlação de Pearson	-.050	-.038
<i>P.Value</i>	.715	.467
Longa Duração		
Correlação de Pearson	.302	-.199
<i>P.Value</i>	.708	.430

6.1.4.2. Estudo da H2: A qualidade da relação amorosa é influenciada pela proximidade entre os parceiros românticos

Para se dar resposta ao objetivo recorreu à elaboração de uma correlação, de modo a auferir se a qualidade da relação amorosa era influenciada pela proximidade. Observando as correlações, não existem valores estatisticamente significativos a apontar, visto o *p.value* ser sempre superior a .05 (cf. Tabela 7).

Neste sentido, confirma-se a hipótese nula, ou seja não existe influência ou qualquer relação.

Tabela 7

Valores de Correlação entre Qualidade da Relação e Proximidade da Relação

	Qualidade	
	Saudável	Não Saudável
Proximidade		
Menos Próximo	.74	.60
Mais Próximo	.18	.06

6.1.4.3. Estudo da H3: Existe correlação entre a qualidade amorosa e o CRQ 6.0 (Desejo, Resposta do Outro e Resposta do Eu)

No que respeita à qualidade da relação, observam-se correlações estatisticamente significativas positivas e negativas com as dimensões do CRQ 6.0 (cf. Tabela 8)

Na correlação entre a dimensão Desejo, dividida por dois níveis: desejo menos respondido e desejo mais respondido pelo parceiro, não se observam correlações significativas em nenhum dos níveis, sendo o valor do *p.value* superior a .05.

Pelo contrário na dimensão Resposta do Outro, igualmente dividida por dois níveis (o parceiro responde às minhas necessidades e o parceiro não responde às minhas necessidades), obteve-se valores significativos. Na qualidade da relação saudável, correlacionada com o nível “o parceiro responde às necessidades”, obteve-se valores de $r = -.34$, $p.value = .00 < .01$, considerando-se um falso positivo, devido à inversão negativa dos dados. Já o parceiro não corresponde às necessidades, em nenhuma das alternativas da qualidade da relação (saudável e não saudável), não se observam correlações significativas.

Relativamente à última dimensão Resposta do Eu(Respondo às necessidades do meu parceiro ou Não Respondo às necessidades do meu parceiro), correlacionado com a qualidade da relação saudável, o nível “respondo às necessidades no meu parceiro”, apresenta valores de $r = -.340$, $p.value = .00 < .01$, entende-se como uma correlação significativa, apesar de como acima mencionado pode ser entendido como um falso positivo. Já o nível “Não respondo às necessidades do meu parceiro” correlacionado com uma qualidade da relação não saudável, apresenta um $p.value = .02 < .05$.

Tabela 8

Valores de Correlações da Qualidade da Relação com as Dimensões do CRQ 6.0

	Qualidade da Relação	
	Saudável	Não Saudável
Dimensões		
Desejo		
Menos Respondido	.79	
Mais Respondido	.47	.64
Resposta do Outro		
Não Responde	.50	
Responde	.00	.17
Resposta do Eu		
Não Respondo	.88	.02
Respondo	.00	.52

$N = 179$

6.1.4.4. Estudo da H4: Existe correlação entre o tempo de duração da relação amorosa e o CRQ 6.0 (Desejo, Resposta do Outro e Resposta do Eu)

No que concerne às correlações entre o tempo de duração das relações e as dimensões do questionário utilizado CRQ 6.0, alguns dos valores obtidos mostraram-se estatisticamente significativos.

À semelhança do que aconteceu, com a variável qualidade da relação foi necessário dividir o tempo de relação em dois níveis (Curta e Longa Duração) e da mesma forma utilizar as dimensões Desejo, Resposta do Outro e Resposta do Eu subdivididas.

No que diz respeito ao Desejo (Mais e Menos Respondido) e o Tempo de Duração da Relação não existem valores estatisticamente significativos. O mesmo acontece na

Resposta do Outro que na sua divisão de níveis em correlação com o tempo de duração, não aponta valores significativos.

Contrariamente a Resposta do Eu é a dimensão que apresenta valores estatisticamente significativos. Numa relação curta, a resposta do próprio às necessidades do seu parceiro apresenta um *p.value* de .034 <.05. Já numa relação longa, os valores apresentados não são estatisticamente significativos.

Estes valores podem ser conferidos na tabela 9.

Tabela 9

Valores de Correlação entre Tempo de Duração e as Dimensões do CRQ 6.0

	Tempo de Duração	
	Curta	Longa
Dimensões		
Desejo		
Menos Respondido	-	.164
Mais Respondido	.32	.540
Resposta do Outro		
Não Responde	-	.821
Responde	.147	.764
Resposta do Eu		
Não Respondo	.368	.437
Respondo	.034	.570

6.1.4.5. Estudo da H5: Existe correlação entre o tempo de comunicação dispensado nas redes virtuais para comunicar com o parceiro e o tempo de relação

A fim de verificar a hipótese acima descrita, procedeu-se a uma correlação entre o tempo de comunicação dispensado nas redes virtuais e o tempo de duração da relação. Ainda que muito próximo de um valor estatisticamente significativo, a análise estatística demonstra um *p.value* de .061 estatisticamente não significativo e uma correlação amostral negativas.

Tabela 10

Valores de Correlação entre Tempo de Duração e Tempo Dispensado nas Redes Virtuais

Tempo Dispensado nas Redes Virtuais	
Tempo de Duração da Relação	
Correlação de Pearson	-.141
<i>P.value</i>	.061

6.1.4.6. Estudo da H6: A qualidade da relação amorosa é influenciada pelo tempo de comunicação dispensado nas redes virtuais para comunicar com parceiro

Não se verifica a existência de uma correlação estatisticamente significativa entre a qualidade da relação e o tempo que é dispensado nas redes virtuais para comunicar com o parceiro. Em ambos os níveis divididos de qualidade de relação, os valores apresentados estatisticamente não são significativos e as correlações amostrais são fracas.

Tabela 11

Valores de Correlação entre Qualidade de Relação e Tempo Dispensado nas Redes Virtuais a Comunicar com o Parceiro

Tempo de Comunicação nas Redes Virtuais	
Qualidade da Relação	
Saudável	.312
Não Saudável	.690

7.DISSCUSSÃO

Neste ponto, apresenta-se a discussão dos resultados com as hipóteses de investigação apresentadas anteriormente.

7.1. Existem relações estatisticamente significativas entre a qualidade da relação amorosa e o tempo de duração da relação?

No que concerne ao estudo da Hipótese 1, pretendeu-se analisar se existem diferenças estatisticamente significativas no que respeita à qualidade da relação amorosa e tempo de duração da relação. Deste modo, os resultados obtidos não foram indicadores da existência de diferenças entre a correlação de ambas as variáveis.

Oliveira e Krug (2011) descrevem a formação do casal como uma tarefa excecionalmente complexa no ciclo da vida, por se tratar de uma fase caracterizada por aquisições, partilhas e construção de um modelo próprio, indicador de nova família, deste modo a qualidade decorre sobretudo de uma avaliação pessoal a partir do grau de equivalência entre aquilo que se espera de um relacionamento e aquilo que se vivencia nele.

Postula-se então que os comportamentos positivos do companheiro, geram uma avaliação positiva da relação, elevando, assim, a qualidade percebida pelo companheiro na relação. Mais tarde, Spanier e Cole (1976) apontaram que o ajustamento conjugal e posteriormente uma das vantagens para a qualidade é um reflexo de processos conjugais (compartilhar ideias, desentendimentos), comunicação e os resultados dessa interação.

Nesta óptica, a complexidade inerente a ser “um casal” advém do fato de ser indissociável duas identidades e uma conjugalidade, neste sentido remete-se para a noção da identidade própria do casal, sendo que na existência de conflito pode se considerar uma desvantagem para a qualidade da relação (Ballone, 2003 citado por Andrade & Silva, 2009; Féres-Carneiro, 1998)

Estudos indicam que são variáveis como: herança que os sujeitos trazem de sua família de origem, aspetos sociodemográficos e motivações para escolha do parceiro são elementos que devem ser avaliados para melhor compreensão do funcionamento e da qualidade da relação.

De igual forma foram também são encontradas associações entre a qualidade da relação dos progenitores e a qualidade da relação dos descendentes (Pontes, 2014).

Num estudo acerca da qualidade da relação em casamentos de longa duração (mais de 20 anos) de Norgren et al. (2004), ao compararem casais satisfeitos e

insatisfeitos em relações de longa duração, revelou-se que o que influencia a qualidade da relação são estratégias adequadas de resolução de problemas, coesão, qualidade positiva da comunicação e satisfação com a situação económica e não o tempo que a relação dura, ou seja são os fatores supramencionados que resultam numa boa relação e que farão desta uma relação longa. Desta forma, confirma-se que não existe relação entre a qualidade e o tempo diretamente, pois estes são influenciados por outros fatores individualmente e não em conjunto.

No que se refere ao fator Tempo ou Percurso de Vida, considera-se que as relações amorosas não são processo que obedeça a uma lógica linear trata-se de um processo evolutivo e composto por constantes proximidades e distâncias que apontam para a existência de várias oscilações na relação amorosa (Narciso, 2001).

Frente a esse cenário complexo observa-se que as relações amorosas são atravessadas por diversos fatores (Aboim, 2009). Essas transformações geram muitos impasses para os cônjuges e ecoam diretamente na manutenção e na qualidade das relações conjugais.

7.2. Existem relações estatisticamente significativas entre a qualidade da relação amorosa e a proximidade entre os parceiros?

No que diz respeito ao estudo da Hipótese 2, pretendeu-se averiguar se existem diferenças estatisticamente significativas no que respeita à qualidade da relação amorosa e à proximidade entre os parceiros. Os resultados obtidos estatisticamente não revelaram diferenças estatisticamente significativas.

Fincham e Bradbury (1990; citado por Oliveira, 2005) referem que o casamento só é fonte de bem-estar se houver satisfação conjugal, caso contrário pode constituir-se como uma fonte de stress. Desta forma, é fácil depreender que a proximidade não se reduz à relação conjugal nem à qualidade (Matos, Duarte & Costa, 2011).

Pode dizer-se, então, que a qualidade da relação depende da satisfação das expectativas que se criam relativamente a si próprio e ao outro na relação (Bornstein, 1992; cit. in Relvas, 2006) e não da proximidade ou a falta da mesma que possa existir.

A proximidade é um processo evolutivo (não linear) de desenvolvimento circular da relação, revelando-se um jogo dinâmico. Essa não linearidade neste processo é gerada por inúmeros fator (Bradbury et al., 2000 citado por Li & Fung, 2011).

É neste âmbito que se considera a proximidade no contexto das relações conjugais, ou “relações amorosas” (Crespo et al., 2006, p.45), tendo sempre em consideração que na

base de cada elemento da relação conjugal existe a sua intimidade e que esta será co-construída na relação entre ambos os parceiros (Matos et al., 2011; Sobral, 2008).

Bauman (2004) acredita que as pessoas hoje veem as relações afetivas como “investimentos financeiros” e o compromisso como uma armadilha a ser evitada. O autor compara, assim, os amantes a investidores financeiros, uma vez que as pessoas aplicam tempo, dinheiro e dedicação esperando que os seus esforços sejam recompensados, desta forma não estão inteiramente disponíveis para a relação, nem preocupados com a qualidade da relação, apenas estão à procura de qualquer coisa que falta.

Esta falsa simetria e inexistente influência entre qualidade da relação e proximidade gera conflitos na relação, principalmente numa sociedade em que a satisfação pessoal é cada vez mais estimulada e valorizada para ambos individualmente e não como um todo numa relação (Duarte & Coutinho, 2011).

7.3. Existem relações estatisticamente significativas entre a qualidade da relação amorosa e as dimensões desejo, resposta do outro e do eu? E relativamente ao tempo, as mesmas dimensões influenciam o tempo de duração?

Relativamente ao estudo da Hipótese 3 e 4, pretendeu-se averiguar se existem diferenças estatisticamente significativas no que respeita à qualidade da relação e às dimensões propostas pelo CRQ 6.0, sendo que de igual forma se analisou se o tempo de duração das relações era influenciado pelas mesmas dimensões. Deste modo, os resultados obtidos não foram indicadores da existência de diferenças entre a correlação de ambas as variáveis à exceção da resposta do outro na qualidade e a resposta do eu no tempo e qualidade.

O desejo está intimamente ligado com a falta de algo e a necessidade de o conseguir e não com a qualidade ou até mesmo com o tempo de duração que a relação possa ter, é neste sentido que Husserl, em 2008 define o “querer” como uma espécie de desejo. “O querer é um anseio que se dirige ao futuro, uma procura e portanto um desejo de que eu tenha algo, que algo de agradável ou de bom me aconteça.” O querer reveste-se de uma componente pulsional mais explícita que desejar, tendo uma relação mais próxima com o fazer.

“O homem é uma criação do desejo e não da necessidade.” Por isso, o desejo emerge, quantas vezes em vertigem, despido de racionalidade. O ser objectivo do desejo é o Real em si mesmo e visa sempre a possibilidade. “O real não é impossível, pelo contrário: no real tudo é possível, tudo se torna possível.” (Deleuze & Guattari, 1995)

Na sua ação e na sua temporalidade, o homem é um ser de desejo. Isto quer dizer que não basta o desejo despontar no âmago do corpo próprio, como impulso ou pulsão, pelo estímulo do mundo exterior, do objecto; é necessário que o sujeito oriente essa energia para a realização, e que lhe dê um sentido.

E não sendo só por si, qualidade da relação ou ainda que se possa ver a duração do tempo, o aspeto essencial na criação do desejo é, portanto, a teia de relações e vivências que se estabelecem na convivência humana (Figueiredo, 2010).

O desejo relaciona-se então com a esfera das emoções e dos sentimentos, mas também com a esfera racional e intelectual (Figueiredo, 2010).

Por outras palavras, o desejo relaciona-se com a questão da motivação da vontade e da ação e ainda da consciência da falta

Há desejo quando há falta, ausência, indeterminação. A ausência do outro provoca desejo, mas a sua presença cristaliza esse desejo. Ou melhor, esta vivência do desejo será o prazer real dos sentidos, da tactilidade, dos olhos nos olhos, desejo no desejo, resumindo o desejo está relacionado com o outro e a forma como as suas necessidades se vêm correspondidas e não com a qualidade da relação ou tempo de duração da mesma (Figueiredo, 2010).

O desejo convida à ação. O desejo exige acção, pois a passividade inverte o desejo. Certos desejos permitem a satisfação de algo, mas que não é essencial ou imprescindível para o sujeito (Figueiredo, 2010).

Por outro lado, tendo em vista as respostas do parceiro é importante referir que as relações íntimas são importantes ao influenciar a forma como cada indivíduo se vê a ele próprio e como se sente mediante as idiosincrasias (e.g. identidade e auto-estima), desta forma é perceptível que a importância está na forma como o outro se identifica e percebe o que é propriamente (Greenberg, 2004).

Numa relação é o parecer de como se é percebido (identidade) pelo outro e quais são as suas necessidades do self que se tornam primários de serem preenchidas e não aspetos relacionados com proximidade e conexão (Goldman & Greenberg, 2008).

Os parceiros dos casais tomam decisões e resolvem problemas, desenvolvem proximidade e intimidade, comunicam construtivamente, envolvem-se em atividades mutuamente recompensadoras e agradáveis, existindo troca de comportamentos positivos, e percebem-se um ao outro em termos positivos, deste modo as respostas que o parceiro dá são necessárias para que a relação se desenvolva esse é um fator de grande importância (Duarte, 2012) ou seja mediante as respostas que o parceiro dá e essas se percebem como responsivas às necessidades mais impacto terá na qualidade da relação, sendo este um dos aspetos pelo qual é influenciada.

“O amor é a atitude que diz: ‘estou casado contigo e escolho olhar pelos teus interesses’. Então, aquele que escolhe amar, encontrará formas adequadas de expressar essa decisão” (Chapman, 2010, p. 23). Desta forma pode-se afirmar que, é importante a resposta do eu às necessidades do parceiro, é desta forma poder-se-á falar do compromisso entre duas pessoas numa relação amorosa e na construção de uma relação duradoura e saudável.

Num estudo realizado por Stanley, Markman e Whitton, (2002), foram obtidos resultados que indicam que os casais com níveis mais altos de compromisso são menos favoráveis a terem pensamentos sobre a hipótese de conhecerem outra pessoa a um nível íntimo, deste modo revelam uma maior satisfação/ qualidade conjugal. Ou seja, quanto maior for o grau de compromisso, maior é a satisfação entre o casal e, por isso, não é colocada a hipótese de abandono da relação ou busca de parceiros alternativos. Este compromisso, relaciona-se com a forma de como o indivíduo responde ao seu parceiro e vê as necessidades deste se vêm a ser correspondidas, por sua vez terá impacto no tempo pois não existe a necessidade de procurar outro que as satisfaça.

Fennel (1987, citado por Norgren, et al., 2004) realizou estudos com casais cujos casamentos duravam há 20 anos ou mais e encontrou determinadas características comuns: o compromisso na relação, compromisso, o tempo passado em conjunto, tendo em conta a sua qualidade e quantidade. Isto vem de encontro à possibilidade de construir relações saudáveis e duradouras, tendo em consideração determinados aspetos que podem ser trabalhados com o casal, nomeadamente a necessidade de resposta ao que o outro precisa.

Pode-se então afirmar que um casal que revele um elevado grau de compromisso é capaz de pensar no outro e colocar em segunda plano as suas próprias vontades e necessidades. Isto para garantir o bem-estar e a satisfação da “tal pessoa” com quem partilha a vida (Sousa, 2014).

7.4. Existem relações estatisticamente significativas entre o tempo de duração da relação amorosa e o tempo dispensado nas redes virtuais a comunicar com o parceiro?

Relativamente ao estudo da Hipótese 5, o objetivo foi analisar se existiam diferenças significativas entre o tempo de duração da relação e o tempo que é dispensado nas redes virtuais a comunicar se com o parceiro. Os resultados obtidos não foram indicadores da existência de diferenças entre a correlação de ambas as variáveis.

A comunicação através das redes sociais é um fenômeno que vem se expandindo rapidamente e alterando a natureza dos relacionamentos sociais.

Uma das vantagens do ciberespaço é que não há espaço para brigas, pois apenas se mostra as qualidades. Para Bauman (2004), através da proximidade virtual, não precisamos conquistar e manter o parceiro.

Para Xavier (2013), é notório que a Internet vem se adaptando às necessidades humanas. Através das redes virtuais as pessoas procuram interação e afetividade, mesmo que não seja com o contato real com o outro.

As redes virtuais são então, muito importantes na vida de um indivíduo, contribuindo para o seu desenvolvimento, podendo definir-se como um grupo interconectado de pessoas, ligadas de maneira a cooperar, incluindo troca de bens e ideias, acedendo umas às outras das mais variadas maneiras (e.g., trabalho, ambiente virtual, família, etc.) e regendo-se por uma norma partilhada, confundindo-se, muitas vezes, com uma comunidade, que se define como um grupo geograficamente próximo e integrado socialmente (Grewal, 2008). Esta confusão leva frequentemente a que os utilizadores das redes sociais online as percecionem como comunidades, desenvolvendo forte vinculação com estas (Jones, 1998).

Freire et al. (2010) acrescentam que o ciberespaço, por ser um local, onde se conectam internautas de todos perfis sociais, culturais e até mesmo econômicos, e de características diversas, esses obtêm a possibilidade de uma interação rápida e fácil. Essas mídias caracterizam – se por interações on-line com amigos, familiares, colegas de trabalho, conhecidos ou até mesmo desconhecidos. Segundo Vieira e Cohn (2008), a Internet não é substituta das relações presenciais, mas é mais uma esfera de interação, usado como uma ferramenta para encontrar seus semelhantes, um grupo de pertença.

Kim e Haridakis (2009) referem a existência de vários estudos, sugerindo que o uso da Internet pode melhorar o acesso a diversas informações, alargar os círculos sociais dos usuários e/ou melhorar o bem-estar psicológico. Outros estudos argumentam que pode levar pessoas à solidão, à baixa interação social com seus familiares e amigos, ou mesmo à depressão clínica. O efeito negativo que tem chamado a atenção dos estudiosos é a proporção em que os usuários podem ficar dependentes à Internet.

7.5. Existem relações estatisticamente significativas entre a qualidade da relação amorosa e o tempo dispensado nas redes virtuais a comunicar com o parceiro?

Relativamente ao estudo da Hipótese 6, pretendeu-se averiguar se existem diferenças estatisticamente significativas no que respeita à qualidade da relação amorosa e ao tempo dispensado nas redes sociais a comunicar com o parceiro. Deste modo, os resultados obtidos não foram indicadores da existência de diferenças entre a correlação de ambas as variáveis.

Na Era da informação, dos média e das redes virtuais, os indivíduos vivem cada vez mais atravessados, por diversos sentimentos (Silva, 2010).

Estudiosos, como Joinson (2001), sugerem que a Internet pode originar relações mais limitadas que na relação real face-a-face.

Lévy (1993) e Castells (1999) estão convictos, do quão decisivo são os papéis das redes de comunicação e qual o peso que estas podem ter na capacidade de condicionar e proporcionar alterações significativas em todos os âmbitos da vida cotidiana dos indivíduos.

Arendt, em 1993 expôs que o desenvolvimento tecnológico possibilitou ao homem *“produzir a vida numa proveta, a fim de tornar a vida artificial.”* Deste modo, Arendt, lembra a sociedade que esse era o último traço que ligava o homem à natureza, mas até esse laço foi perdido. Pela era da informação, esse laço não mais existe, foi extinto.

Quando se fala de relações, dá-se uma grande importância à ligação ao outro, com uma dependência saudável mas ainda que o outro seja parte importante da soma de um mais um será que numa relação onde a comunicação é feita a maior parte do tempo através das tecnologias, a sua qualidade se pode definir como boa, saudável ou não saudável ou por outro lado sem consequências?

Rubin (1985), Walther e Tidwell (1996) e Castells (2000) compreendem que existe um paradoxismo no que diz respeito à distância social. Ainda que com o acesso a diversas tecnologias capazes de favorecer uma maior proximidade entre os indivíduos, já que essas mesmas tecnologias facilitam as atividades cotidianas, estas que parecem ser tecnologias de facilidades acabam por tornar as pessoas mais independentes e autônomas umas das outras.

Dessa forma, em conformidade com as ideias dos autores supracitados, as relações basadas numa comunicação virtual, seriam mediadoras do distanciamento do sujeito sobre sua própria singularidade. A ausência de uma interação “real” (face-a-face), sob o privilégio das relações virtuais (como relações mantidas via chat, sms), parece facilitar uma comunicação psicologicamente distante entre os interlocutores, (Guedes & Assunção, 2006).

Neste contexto da dinâmica “ inter-relação online “uma interferência simbólica no campo da relação, significa que essas relações sofrem um impacto em termos de

fidelidade no reconhecimento de expressões emocionais e nos seus significados; na singularidade, base para o reconhecimento de alteridades; e na coerência da identificação, que é o suporte para o reconhecimento mútuo da intimidade e por sua vez, facilitadora do aprofundamento das relações interpessoais (Moser, 1994). Os relacionamentos amorosos, exigem níveis de intimidade e de elaboração da experiência afetiva muito mais elevados do que uma rede de interlocução virtual pode oferecer.

Uma relação virtual poderá ser favorecida, no simbolismo do imaginário uma vez que clareza da própria condição de existência pode vir a ser alterada e é hiper-exposta. Assim através de mensagens o parceiro não será percebido (nem compreendido) pelo que ele é, mas pelo que ele percebe do que os outros querem perceber sobre ele, inclusive porque se deve esperar aparecer a emissão de uma resposta para poder elaborar outra e enviá-la, havendo aí um maior controle daquilo que será compartilhado, sempre redefinindo o rumo da interação, neste sentido a comunicação nas redes virtuais influencia a identidade do indivíduo. (Guedes & Assunção, 2006).

No fundo, a relação por via virtual parece manter uma solidão intrínseca, do sujeito para si, quando ele se projeta naquilo que crê ser agradável para outro, mas que na verdade parece estar mais voltado para si, demonstrando desta maneira um desprendimento de si que, embora evidencie o seu próprio eu, não permite uma entrega autêntica ao outro pois está numa procura incessante e num trabalho sem fim de agradar tão perfeitamente ao outro, que na verdade se esquece do seu verdadeiro Eu (Guedes & Assunção, 2006).

Em suma, tendo como base as reflexões desenvolvidas até aqui, pode-se inferir que a influência da tecnologia da informação vem alternando cada vez mais as relações amorosas e, conseqüentemente modificando-as (Silva, 2010) no que diz respeito à forma como estas se gerem, crescem e desenvolvem.

CAPÍTULO VIII – CONSIDERAÇÕES FINAIS DO ESTUDO

8.1. PRINCIPAIS CONCLUSÕES DO ESTUDO

Todos os indivíduos, de uma forma ou de outra, têm uma enorme sede de amor, no entanto, a descrença existente por vezes em relação ao amor ou o desconhecimento deste levam-nos a estragá-la ou nunca a conquistar (Coimbra de Matos, 1983).

O presente trabalho teve como objetivo perceber se a qualidade da relação amorosa, era afetada pelo tempo de duração da relação, pela proximidade que os parceiros têm entres eles e ainda pelas dimensões que compõem os questionários utilizado CRQ 6.0.

Mediante a revisão teórica elaborada e os testes estatísticos, apurou-se que apenas a resposta do Eu era uma variável que influenciava o pretendido a estudar, ou seja a qualidade da relação e o tempo de duração. O contributo prestado nesta área afirma que a busca de um objeto de amor, segundo Mesquita (2013), “parece ser uma característica da condição humana, sendo a relação amorosa uma das que mais poderá contribuir para o desenvolvimento do indivíduo” e desta forma, um desenvolvimento saudável na construção do seu próprio self, irá contribuir para que o próprio consiga estabelecer relações adequadas com o seu parceiro e desta forma corresponder às necessidades do parceiro da melhor forma possível.

Neste seguimento, e após a análise e discussão dos resultados, apresentam-se as principais conclusões resultantes do estudo teórico e empírico realizados, refletindo-se posteriormente sobre as limitações da investigação e sobre as implicações para uma investigação futura.

Considerando as hipóteses de trabalho estudadas, conclui-se primeiramente que a qualidade da relação (variável dependente) é influenciada por diversos fatores à exceção do tempo de duração. Através da revisão da literatura, pode-se comprovar que processos operativos ou comportamentais, controlo relacional, processos afetivos e intimidade são alguns dos fatores principais para que a qualidade da relação amorosa seja influenciada, tanto a um nível positivo como negativo.

Já no que diz respeito às dimensões do questionário CRQ 6.0 e as suas possíveis influências nas variáveis qualidade da relação (como dependente) e tempo de duração da relação (como independente), as principais conclusões retiradas concernem no seguinte, relativamente ao desejo este fator é influenciado essencialmente por aspetos emocionais e sentimentos, como também por aspetos racionais e intelectivos.

O fato do desejo ser proporcionado pela ação, leva a que este seja um fator de desenvolvimento na busca da satisfação da necessidade tanto do próprio como do parceiro, isto porque o desejo é ainda influenciado pela motivação e pela consciência da falta.

Relativamente a outra dimensão – Resposta do Outro. Esta dimensão é essencialmente manipulada pelas expectativas que a relação aufere e por conseguinte a essas expectativas à forma como o parceiro responde a essas, o que por sua vez leva a que os desejos postos na relação se vejam a ser correspondidos. Desta forma, a resposta do outro denotou alguns dados estatisticamente significativos ao nível das análises, para que se possa afirmar que a qualidade da relação é uma variável influenciada contrariamente ao tempo de duração que não auferiu resultados estatisticamente significativos quando correlacionado com a dimensão.

Referindo a última dimensão, Resposta do Eu foi onde se denotou influências ao nível das variáveis qualidade e tempo de duração, isto porque o indivíduo decide trabalhar na sua relação amorosa, em função dos interesses e desejos do seu parceiro. Nesta dimensão é de grande importância requerer ao nível do seu próprio eu e da sua identidade, que este esteja bem definido e seja coeso isto porque existe a necessidade de maximizar o prazer e minimizar a dor ou por outras palavras, minimizar a falta.

Inerente também às hipóteses em estudo, estava a qualidade e o tempo de duração e a possibilidade de influência por parte do tempo dispensado nas redes virtuais, para comunicar com o parceiro. Estas variáveis não se influenciam mutuamente isto porque, ambas são influenciadas por fatores distintos entre si.

O tempo de duração de uma relação adquire influências ao nível do compromisso, isto porque é importante para ambas as partes do casal sentir que o seu parceiro está inteiramente disponível e disposto a estar na relação, para que se consiga sentir elevados níveis de segurança e a percepção de que o parceiro não irá terminar a relação por falta de interesse, desilusão ou até mesmo por ter encontrado outro alguém.

Já a qualidade da relação, aufere influências ao nível de uma avaliação pessoal bem como das expectativas desejadas correspondidas. A regulação de conflitos, a clareza da identidade dos parceiros enquanto um “nós” na relação, é de igual forma importante para que a conjugalidade dos parceiros se possa afirmar como saudável.

Terminando com a questão das redes virtuais e o tempo dispensado nelas, não revela uma influência noutras variáveis estudadas isto porque é essencialmente o tempo nas redes virtuais influencia a própria identidade do sujeito, pois é através destes que por vezes o indivíduo se descobre ou pelo contrário se escondem através daquilo que os outros querem que ele seja, podendo ser uma desvantagem. Por outro lado pode-se ainda

tornar uma vantagem visto que ajuda no crescimento dos seus grupos sociais, motivando o sujeito a alargá-los.

As redes virtuais promovem ainda a proximidade entre indivíduos, quer estes mantenham uma relação amorosa ou apenas de amizade, contudo esta proximidade de que se fala não irá influenciar a qualidade da relação que se possa manter, isto porque a proximidade tratando-se de um processo evolutivo influenciada por múltiplos fatores irá ter influência na forma como o indivíduo se sente face ao outro, na forma como pensa na propensão e resolução de conflitos ou até mesmo na forma como encara a sua identidade face à influência do seu parceiro, no sentido em que se questiona se consegue ser ele próprio ou se já se trata apenas de um produto da soma que é eu+tu=nós.

Desta forma a falta de simetria nas diversas variáveis estudadas, demonstra que os fatores que influenciam a qualidade da relação amorosa, bem como o tempo que esta duram são tão vastos e ao mesmo tempo tão assimétricos que é necessário um estudo mais aprofundado desta vasta área temática que são as relações amorosas.

8.2. LIMITAÇÕES

Inerentes ao trabalho realizado estão presentes algumas limitações. Pode-se apontar como limitação a amostra recolhida, relativamente à diferença do número de participantes de cada género. Neste sentido, a amostra recolhida concerne uma prevalência de indivíduos de género feminino (164) sobre o género masculino (15).

No presente estudo, limitou-se apenas à visão/perceção do indivíduo naquele momento de preenchimento do questionários. Como se sabe, as perceções pode ser influenciadas por estados emocionais podendo condicionar as respostas. Talvez fosse importante realizar uma triangulação de métodos de recolha de dados, como por exemplo através de entrevista tanto ao indivíduo já anteriormente inquirido como também ao seu parceiro, isto poderia levar a obter não só a visão de uma parte do casal mas de ambas, como também se poderia aprofundar os resultados obtidos.

Outra limitação a apontar foi as 124 questões pertencentes aos instrumentos (16 no QRA, 1 no IOS e 107 no CRQ 6.0 divididas por dimensões), que se verificaram ser um número excessivo para questionários de autorresposta, sendo desta forma possível que o cansaço, monotonia da tarefa e até mesmo desinteresse possam ter comprometido a validade das respostas aos itens.

Como uma limitação também a apontar, encontra-se a extensa opções de resposta no questionário sociodemográfico, isto implicou que houvesse necessidade de se

simplificar a base de dados e reagrupar variáveis o que significa que pelo processo estatístico a que se recorreu, podem-se ter perdido dados importantes. Não só a perda de dados, é referida como limitação como também a simplificação das variáveis uma vez que foi necessário tempo e investigação ao nível estatístico, para se procederem às adaptações necessárias.

No QRA e no CRQ 6.0, surgiu uma complexidade no que se refere à questão de muitos sujeitos repetir com grande assiduidade as mesmas respostas (ou 1 ou 7), indicando assim uma possível não veracidade nos dados recolhidos.

Já relativamente ao IOS e por ser um questionário de apenas uma pergunta e sua posterior resposta, foi necessário mas trabalho estatístico a fim de se perceber como se proceder à análise, o que gerou uma compreensão mais robusta do instrumento.

Refere-se ainda que sobre quaisquer relações de causalidade, o estudo efetuado na sua grande maioria nada permite afirmar.

8.3. FUTURAS INVESTIGAÇÕES

Tendo em conta as limitações apresentadas e as complexidades dos estudos, com os quais se tem que lidar, o presente trabalho decorreu dentro do possível. Apesar de não se ter alcançado os objetivos propostos, acerca das influências que a qualidade da relação poderia sofrer, conseguiu-se perceber outros fatores que a influenciavam bem como rever a um nível teórico como as relações amorosas hoje em dia se gerem e quais os principais fatores que as influenciam.

Partindo desse pressuposto e com os dados que foram adquiridos nesta investigação, poder-se-á proceder a novas investigações, verificando-se outras relações ou associações como por exemplo ao nível da amostra sociodemográfica.

Como proposta para uma futura investigação, utilizar outras metodologias, nomeadamente uma investigação que cruzem os dados quantitativos já obtidos com dados qualitativos, pode ser fundamental para uma compreensão mais profunda da complexidade e riqueza das relações amorosas.

A utilização de outros instrumentos de avaliação ou o posterior desenvolvimento de instrumentos, que captem melhor as realidades das perceções que os indivíduos têm face à qualidade da sua relação, à proximidade do seu parceiro, bem como o desejo e as suas necessidades satisfeitas, será um ponto importante a trabalhar.

A utilização do QRA, mais aprofundada em termos de qualidade da relação. Visto este instrumento ser maioritariamente de análise de relações não saudáveis e esta ser

uma área ainda muito pouco estudada, era de grande interesse perceber de que forma as relações não saudáveis são assim caracterizadas através da utilização deste questionário.

É ainda de grande importância, considerar-se a realização de estudos longitudinais, sendo estes uma mais-valia no estudo de aspetos psicológicos, visto estarem em constante mudança ao longo de toda a vida do indivíduo, isto porque a mudança leva a diferentes perceções em diferentes momentos. Estes estudos longitudinais não só permitiam obter mais dados, como fazer comparações com os dados que se possam ter recolhido anteriormente.

CAPÍTULO IX – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aboim, S. (2009). Da pluralidade dos afetos. Trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 24(70), 107122.
- Agnew, C. R., Van Lange, P. A. M., Rusbult, C. E., & Langston, C. A. (1998). Cognitive interdependence: Commitment and the mental representation of close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 939-954.
- Agnew, C. R. (2000). Cognitive interdependence and the experience of relationship loss. In J. H. Harvey & E. D. Miller (Eds.), *Loss and trauma: General and close relationship perspectives* (pp. 385-398). Philadelphia: Brunner-Routledge.
- Almeida, T. (jan./jun. de 2004). A gênese e a escola no amor romântico: alguns princípios regentes. *Revista de Psicologia*, pp. 15-22.
- Almeida, T. (2013). Capítulo 4 Os processos de apaixonamento e de enamoramento: curso, evolução e benefícios físicos e psicológicos para o ser humano. Em T. Almeida, *Relacionamentos Amorosos: o antes, o durante e o depois* (p. 456). São Carlos: Compacta Gráfica e Editora.
- Amado, N. (2010). *Diz me a verdade sobre o amor*. Alfragide: Academia do Livro.
- Andrade, A., Garcia, A., & Cano, D. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), pp. 143-156.
- Andrade, M. & Silva, M. (2009). Casamento e conjugalidade: novas mudanças e contextos a luz da literatura. Anais do II Encontro Nacional de Bioética e Biodireito III Encontro de Comitês de Ética em Pesquisa da Paraíba
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469-480. doi:10.1037//0003066X.55.5.469
- Aron, A., Aron, E., Tudor, M., & Nelson, G. (1991). Close relationship as including other in the self. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 241-253.
- Aron, A., McLaughlin-Volpe, T., Mashek, D., Lewandowski, G., Wright, S. C., Aron, E. N. (2004). Including Others in the self. *European Review of Social Psychology*, 15, 101132.

- Aron, A. & Aron, E. N. (2008). Romantic Relationships from the Perspectives of Self-Expansion Model and Attachment Theory: Partially Overlapping Circles. In Mikulincer, M. & Goodman, G. S. (Eds.), *Dynamics of Romantic Love: Attachment, Caregiving and Sex*. New York: Guilford Press.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. (Trad. C. A. Me-deiros). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Berscheid, E., & Amazzalorso, H. (2004). Emotional experience in close relationships. In Brewer, M., B., & Hewstone, M. (Eds.), *Emotion and motivation* (pp. 47-69). Malden, MA: Blackwell Publishing.
- Bystronski, B. (1995). Teorias e Processos Psicossociais da intimidade interpessoal. Em A. Rodrigues, *Psicologia social para principiantes: estudo da interação humano*. Petrópolis: Vozes.
- Campos, L. (2005). *Relacionamentos Amorosos de Curta e Longa Duração: Uma Análise a partir de anúncios classificados*. 2005: Universidade de São Paulo.
- Campos, R. C. (2003). Síntese integrativa dos aspetos centrais da perspectiva teórica de Sidney Blatt sobre o desenvolvimento da personalidade e sobre a psicopatologia. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 5(1), 91-99. Retrieved from <http://www.redalyc.org/pdf/287/28750110.pdf>
- Chapman, G. (2010). *As cinco linguagens do amor*. (1ª ed.) Lisboa: Smartbook.
- Cid, F., & Cid, Y. (Março de 2012). Características de los componentes del amor de pareja en una muestra de estudiantes chilenos. *Revista Electrónica de Psicología Iztacala*, pp. 206-217.
- Coimbra de Matos, A. (1983). Textos sobre Narcisismo, Depressão e Masoquismo. *Análise Psicológica*. 4(3). 409-424. Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.12/1701>
- Crespo, C., Narciso, I., Ribeiro, M. T. & Costa, M. E. (2006). Desenvolvimento da Escala de Dimensões da Intimidade: primeiro estudo empírico. *Psychologica*, 41, 45-63.
- D'Amico, M. L. (1998). *Internet has become a necessity*. Obtido de <http://edition.cnn.com/TECH/computing/9812/07/neednet.idg/>
- Deleuze, Gilles; Guattari, Félix (1995). *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim
- Drigotas, S. M., & Rusbult, C. E. (1992). Should I stay or should I go?: A dependence model of breakups. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62, 62-87

- Duarte, J., & Coutinho, M. (2011). "Namorido": uma forma contemporânea de conjugalidade. *Psi.Clin*, pp. 117-135.
- Duarte, R. (2012). *Do amor e do Desamor: Variedades de Experiências e Reparação e Regulação de Necessidades na Aliança Amorosa de Casais* .
- Epstein, S. (1993). Emotion and self-theory. In M. Lewis, & J. M. Haviland (Eds.), *Handbook of emotions*. Guilford: New York
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.
- Ferreira, L. H. M. & Fioroni, L. N. (Novembro, 2010). *Concepções sobre relacionamentos amorosos na contemporaneidade: Um estudo com universitários*. Artigo apresentado no XV encontro nacional da ABRAPSO, Brasil.
- Feybesse, C., Hatfield, E., & Neto, F. (s.d.). Medido o amor apaixonado.
- Figueiredo, A. (2010). *Corpo, Silêncio e Desejo - Hermenêutica do Silêncio e da Palavra na Relação Cuidativa*.
- Fiske, S.T.(2004).*Social beings: A core motives approach to social psychology*. New York: Wile
- Fitchen, C., Tagalakis, V., Judd, D., Wright, J., & Ansel, R. (2001). Verbal and Nonverbal Communication Cues in Daily Conversations and Dating. *The Journal of Social Psychology*, pp. 751-769.
- Freire, B.; machado, D; Queiroz, F; Bezerra, I.; Freire, r. S.; Vasconcelos, a. I. de; cruz, k. *Paixão, ciúme e traição: A "liquidez" das relações humanas no ciberespaço*. Belém: Universidade Federal do Pará, 2010. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/aavv-paixao-ciume-e-traicao.pdf>>.
- Freud, S. (1914). *Introducción del narcisismo - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1930). *O mal-estar na civilização. Obras Completas (Vol. XXI)*. Rio de Janeiro: Imago.
- Fromm, E. (1991). *A arte de amar*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- García, C. (1997). Curso Temporal de los Componentes Básicos Del Amor a lo Largo de La Relación de Pareja. *Psicothema*, pp. 1-15.
- Gonçalves, M. (2000). *Virtual e Amor na Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- Greeff, A., & Malherbe, H. (2001). Intimacy and Marital Satisfaction in Spouses. *Journal of Sex & Marital Therapy* 27, 247-257
- Greenberg, L.S. (2004). Emotion-focused therapy. *Clinical Psychology and Psychotherapy*. 11, 3-16.
- Greenberg, L. S., & Goldman, R. N. (2008). *Emotion-Focused Couples Therapy: The Dynamics of Emotion, Love, and Power*. Washington, DC: American Psychological Association Press.
- Grewal, D. (2008). *Network Power: The social dynamics of globalization*. USA: Caravan Books.
- Guedes, D., & Assunção, L. (Setembro de 2006). Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor (solidão cibernética?). *Revista Mal-Estar e Sunjetividade*, pp. 396-425.
- Husserl, Edmund (2008). *Meditações cartesianas*. Madrid: Prisa Innova
- Kim, J., Haridakis, P. M. The Role of Internet User Characteristics and Motives in Explaining Three Dimensions of Internet Addiction. *Journal of Computador-Mediated Communication*, v. 14, p. 9981015, 2009. Retirado de www.on-linelibrary.wiley.com em 08/05/2014.
- Kelley, H. H., Berscheid, E., Christensen, A., Harvey, J. H., Huston, T. L., Levinger, G., McClintock, E., Peplau, L. A., & Peterson, D. R. (1983). *Analyzing close relationships*. In H. H. Kelley, E. Berscheid, A. Christensen, J. H. Harvey, T. L. Huston, G. Levinger, E. McClintock, L. A. Peplau & D. R. Pe
- Jones, S. (1998). Information, Internet, and Community: Notes Toward an Understanding of Community in the Information Age. In Jones, S. (Eds.). *Cybersociety 2.0*. USA: Sage Publications, Inc
- Li, T. & Fung, H. H. (2011). The Dynamic Goal Theory of Marital Satisfaction. *Review of General Psychology*, 15(3), 246-254.
- Lejarraga, A. (Janeiro de 2003). Freud e Winnicott: do apixonamento à capacidade de amar. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, pp. 42-49.
- Lopes, B. (2012). *Um olhar sobre as relações amorosas: Satisfação conjugal, Intimidade e Satisfação Sexual*. Lisboa: ISPA.

- Mashek, D. J., & Aron, A. P. (2004) Introduction. In D. J. Mashek & A. P. Aron (Eds.), *Handbook of closeness and intimacy* (pp. 1-6). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates
- Matos, P. M., Duarte, C. & Costa, M. E. (2011). *Famílias: questões de desenvolvimento e intervenção*. Porto: LivPsic.
- McKenna, K., Green, A., & Gleason, M. (2002). Relationship Formation on the Internet: What's the Big Attraction? *Journal of Social Issues*, 9-31.
- Mesquita, I. (2008). Eu e Tu, não mais que eu: Perspetiva funcional das relações que visam o reparo narcísico. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 28, pp. 73-104.
- Mesquita, I. (2013). *Disfarces de Amor - Relacionamentos Amorosos e Vulnerabilidade Narcísica*. Lisboa: Climepsi.
- Narciso, I. (1994/1995). Metamorfoses de Amor e da Satisfação Conjugal. *Cadernos de Consulta*, pp. 129-139.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades Satisfeitas, mas não Perfeitas: À Procura do Padrão que Liga*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Norgren, M. B., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 575-584.
- Oliveira, C. (2013). *Concepções dos Estudantes Universitários acerca das Relações Amorosas na sua faixa etária*. Universidade de Évora: Évora.
- Oliveira, J. S. (2005). *Desenvolvimento Psicossocial e Estilos de Vinculação: Convergência e Divergência de Percepções de Satisfação na Família*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Oliveira, P. (2013). Teorias sobre o Amor no Campo da Psicologia Social. *Psicologia: Ciência e Profissão*, pp. 16-31.
- Parkes, C. M. (s.d.). *Amor e Perda*. SUMMUS.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. (2014). *Análise de Dados para Ciências Sociais: A complementariedade do SPSS* (6ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

- Pinheiro, M. (s.d.). *O Desejo Amoroso na Hipermodernidade*. Faculdade Moraes Jr.
- Pontes, T. (2014). *Amor, Satisfação e Desilusão: Um estudo exploratório sobre a conjugalidade*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Ramalho, E. (2005). *Par Perfeito: um novo espaço virtual para a procura de parceiros amorosos*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Reis, H., Collins, W., & Bersheid, E. (2000). The Relationship Context of Human Behavior and Development. *Psychological Bulletin*, pp. 844-872.
- Relvas, A. P. (2006). *O ciclo vital da família – Perspectiva sistémica* (4ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Robles, H. (2015). Capítulo 4 - Compreendendo os relacionamentos amorosos duradouros. Em T. Almeida, *Relacionamentos Amorosos: o antes, o durante e o depois* (Vol. 3, pp. 123-165). São Paulo: PoloBooks.
- Rodrigues, I. (2013). *Efeitos da Regulação das Necessidades Psicológicas na Manutenção e na Satisfação em Relações Amorosas Estáveis*. (Dissertação de Mestrado).
- Rusbult, C., & Coolsen, M. K. (2006). Commitment. Em A. V. (Eds), *The Cambridge handbook of personal relationships* (pp. 615-635). NY: Cambridge.
- Seiffge-Krenke, I. (2003). Testing theories of romantic development from adolescence to young adulthood: Evidence of a developmental sequence. *International Journal of Behavioral Development*, 27 (6), 519–531. Seiffge-Krenke, I. (2006). Coping with relationship stressors: The impact of different working models of attach
- Schaefer, M., & Olson, D. (1981). Assessing Intimacy: The Pair Inventory. *Journal of Marital and Family Therapy*, 7, 47-60.
- Schlosser, A., Dalfovo, D., & Delvan, J. (Julho de 2012). Um estudo sobre o maor: Diálogos entre Sigmund Freud e Erich Fromm. *Psicologia Argumento*, pp. 567-573.
- Sheets, V. (31 de 7 de 2014). Passion for life: Self- expansion and passionate love across the life span. *Journal of Social and Personal Relationships*, pp. 958-974.
- Slotter, E., Gardner, W., & Finkel, E. (s.d.). Who am I without you? The influence of romantic breakup on the self-concept. *Running Head: Breakup and the self- concept*.
- Smeha, L., & Oliveira, M. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, pp. 33-45.

- Smith, A., & Duggan, M. (2013). *Online Dating & Relationships*. Washington: PewResearchCenter.
- Sobral, M. P. (2008). *Relações entre medo da intimidade, vinculação e divórcio parental*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38(1), 15-28
- Sousa, A. (2014). *Eu sou feliz contigo. E tu, és comigo?*
- Stanley, S., Markman, H. & Whitton, S.. (2002). Communication, Conflict, and Commitment: insights on the Foundations of Relationship Success from a National Survey. *Family Process*, 41(4), 659-674.
- Sternberg, R. (1986). A Triangular Theory of Love. *Psychological Review*, pp. 119-135.
- Vieira, C. I. F.; Cohn, C. *Amor Contemporâneo e Relações na Internet: ausência do corpo nas relações*. Rev. Bras. de Sociologia da Emoção, v. 7, n. 19, abr. 2008. Disponível em: <<http://paginas.cchla.ufpb.br/rbse/VieiraArt.pdf>>. Acesso em: 01/06/2014.
- VIRILIO, P. La vitesse de libération. In: Nussbaumer, G. Cibercultura, sociabilidade e subjetivação. O Olho da História, 1995. <http://oolhodahistoria.org/n14/artigos/gisele>
- Young, K. (25 de Abril de 2015). *Desire in Long Term Relationships: Keeping it and Finding it When It's Gone*. Obtido de Hey Sigmund: <http://www.heysigmund.com/desire-in-long-term-relationships-getting-it-keeping-it-and-finding-it-when-its-gone/>
- XAVIER, M. R. P. *A nova configuração de relacionamentos amorosos via Facebook*. 2013. Retirado de http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT26/GT26_PereiraXavier.pdf
- Zordan, E. P., & Strey, M. N. (2010). *A separação conjugal na contemporaneidade: motivos, circunstâncias e contextos*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

ANEXOS

Anexo I. PROTOCOLO

INSTRUÇÕES

Gostaríamos de pedir a sua colaboração para participar num estudo sobre Relacionamentos Amorosos nas Redes Sociais.

A sua tarefa consiste em responder ao conjunto de questionários apresentados em seguida. Pode desistir a qualquer momento, se assim o entender.

Deverá responder aos questionários pela ordem apresentada. Este protocolo será apresentado em uma/duas fases sendo que em cada uma irá responder a um certo questionário.

Leia as instruções de cada um deles, porque são diferentes.

Se tiver alguma dúvida em como responder não hesite em perguntar.

Por favor seja sincero nas repostas e sinta-se à vontade, uma vez que as respostas aos questionários são estritamente confidenciais, sendo que o código serve apenas para introdução de dados. Não escreva o seu nome em nenhuma das folhas.

As suas respostas serão tratadas em conjunto com as de outras pessoas, e não individualmente.

Se está de acordo e aceita participar, por favor rubrique em baixo e depois vire a página e comece a responder.

Tomei conhecimento das condições desta investigação e aceito participar:

Data ____/____/____

Rúbrica _____

Agradecemos a sua participação.

Mestrandas responsáveis: Ana Marcão, Cristina Fouto e Tânia Batista

Docente responsável: Doutora Isabel Mesquita

QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

INTRUÇÕES: Preencha a ficha de dados pessoais que se segue

Gênero: Feminino Masculino

Idade _____

Ano de Escolaridade _____ Curso _____

Residência (onde vive a maior parte do tempo) _____

Orientação Sexual

Heterossexual Homossexual Outro Qual? _____

Tem algum relacionamento amoroso? Entende-se relacionamento amoroso por uma relação que envolve sentimentos amorosos de ambos os parceiros e atração mútua.

Atualmente Sim

Atualmente Não

• Tempo de Duração

Menos de um mês

Entre um mês e doze meses

Entre um e três anos

Mais que três anos

• Qual a rede social que mais usa ?

Facebook

Chamadas

Twitter

Sms's

Whatsapp

Outros ?

Quais ? _____

Quanto tempo utiliza para falar com o seu parceiro amoroso através das mesmas?

Menos de uma vez por semana.

Uma vez por semana.

Duas vezes por semana.

Mais de duas vezes por semana.

Menos de uma hora por dia.

De uma a duas horas por dia.

De três a quatro horas por dia.

Mais de quatro horas por dia.

Se respondeu actualmente não quantos relacionamentos já teve?

Entre 1 a 3

Mais de 3

INSTRUÇÕES

Vai encontrar de seguida um conjunto de questões referentes às competências sociais e às atitudes e mitos em relação ao amor. Pede-se que leia atentamente cada uma das questões e tente responder, por favor, de acordo com a sua forma de pensar e sentir e não como acha que deveria ser. Responda a cada questão assinalando a opção que melhor traduz o seu modo de pensar. Assegure-se que respondeu a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas. As respostas a este questionário são absolutamente anónimas. Obrigado pela sua colaboração.

GRUPO I – QUESTIONÁRIO SOBRE A RELAÇÃO AMOROSA

Adapted from Rhode Island Coalition Against Domestic Violence Web site: www.ricadv.org/violence.html

Fonte: Helping Preteens and Teens Build Healthy Relationships – Community Action Kit

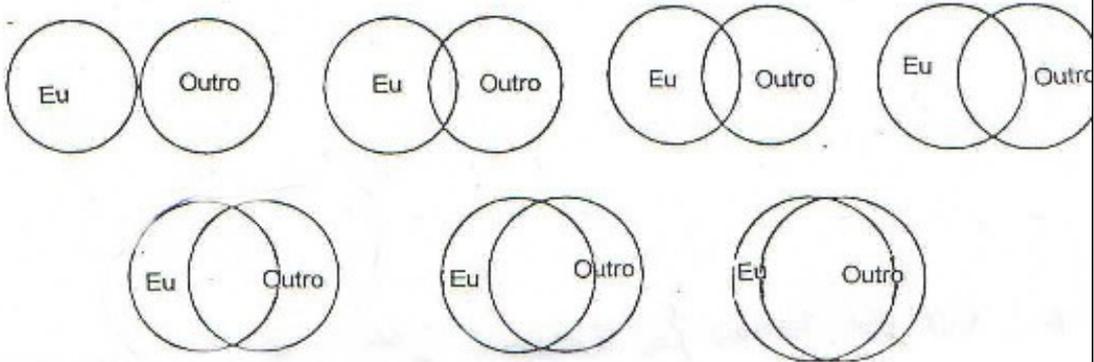
As seguintes perguntas destinam-se às pessoas que **mantenham actualmente** uma relação amorosa. Por favor responda assinalando, para cada uma delas, a opção com que mais se identifica, de acordo com a seguinte escala:

1 = Nunca; 2 = Muito raramente; 3= Raramente; 4 = Frequentemente

	Nunca	Muito Raramente	Raramente	Frequentemente
1. O seu (sua) namorado(a) troça de si de forma a magoá-la/o				
2. Ele/ela tem ciúmes dos seus amigos				
3. Ele/ela ignora as suas opiniões e interesses				
4. Ele/ela controla-a/o				
5. Ele/ela acusa-a/o de seduzir outras pessoas				
6. Ele/ela diz-lhe o que vestir ou com quem conviver				
7. Ele/ela insiste em passar todo o tempo que têm livre juntos e zanga-se quando quer fazer outras coisas				
8. Ele/ela alguma vez lhe disse que mais ninguém a/o quer como namorada/o				
9. Ele/ela toma todas as decisões				
10. Ele/ela insulta-a/o, humilha-a/o ou chama-lhe nomes				
11. Ele/ela culpa-a/o por ter de ser mau/má para si na relação				
12. Tem medo dele/a				
13. Ele/ela alguma vez a/o pressionou para ter relações sexuais				
14. Ele/ela alguma vez destruiu alguma coisa que era seu				
15. Alguma vez (ainda que só uma vez) ele/ela lhe bateu				
16. Ele/ela tornou-se muito rapidamente demasiado sério/a em relação ao vosso relacionamento				

I.O.S.

Encontram-se aqui apresentadas 7 imagens. Qual lhe parece ser a que melhor descreve a relação com o seu companheiro? Por favor, coloque um círculo à volta dessa imagem.



Anexo II – Outputs

ANÁLISE DESCRITIVA DA AMOSTRA

Genero

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Feminino	164	91,6	91,6	91,6
	Masculino	15	8,4	8,4	100,0
	Total	179	100,0	100,0	

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	16,00	30	16,8	16,8	16,8
	17,00	25	14,0	14,0	30,7
	18,00	30	16,8	16,8	47,5
	19,00	13	7,3	7,3	54,7
	20,00	13	7,3	7,3	62,0
	21,00	6	3,4	3,4	65,4
	22,00	24	13,4	13,4	78,8
	23,00	17	9,5	9,5	88,3
	24,00	21	11,7	11,7	100,0
	Total	179	100,0	100,0	

Orientação Sexual

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Heterossexual	167	93,3	93,3	93,3
	Homossexual	5	2,8	2,8	96,1
	Outro	7	3,9	3,9	100,0
	Total	179	100,0	100,0	

Habilitações

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	7	3,9	3,9	3,9
10	5	2,8	2,8	6,7
11	11	6,1	6,1	12,8
12	78	43,6	43,6	56,4
9	23	12,8	12,8	69,3
LICENCIATURA	48	26,8	26,8	96,1
MESTRADO	7	3,9	3,9	100,0
Total	179	100,0	100,0	

ANALISE EXPLORATORIA DA AMOSTRA COM VARIÁVEIS

IDADE

Idade * Saudável Crosstabulation

Count

		Saudável										Total	
		1,00	1,06	1,13	1,19	1,25	1,31	1,38	1,44	1,50	1,56		1,63
Idade	16,00	2	6	6	5	2	2	2	0	0	0	0	25
	17,00	4	4	2	2	3	1	1	0	0	1	3	21
	18,00	2	4	2	7	3	3	2	3	0	0	0	26
	19,00	0	0	1	0	1	1	4	1	2	1	0	11
	20,00	2	1	0	2	2	1	1	3	0	0	0	12
	21,00	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	5
	22,00	4	2	7	0	3	2	0	1	1	0	1	21
	23,00	2	2	2	1	2	2	1	0	2	1	0	15
	24,00	3	1	1	4	0	3	1	1	0	1	2	17
Total		20	21	22	22	17	15	12	9	5	4	6	153

Idade * Menossaudável Crosstabulation

Count

		Menossaudável									Total	
		1,69	1,75	1,81	1,94	2,00	2,13	2,19	2,31	2,38		2,50
Idade	16,00	1	1	0	1	0	1	0	1	0	0	5
	17,00	0	1	3	0	0	0	0	0	0	0	4
	18,00	0	2	0	0	0	0	1	0	1	0	4
	19,00	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	2
	20,00	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	21,00	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	22,00	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	3
	23,00	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2
	24,00	0	0	1	0	1	1	0	0	0	1	4
Total		2	4	5	2	4	3	1	1	1	3	26

Idade * Tempo de Duração Crosstabulation

Count

		Tempo de Duração		Total
		Até 12 meses	Mais que doze meses	
Idade	16,00	21	9	30
	17,00	11	14	25
	18,00	12	18	30
	19,00	4	9	13
	20,00	6	7	13
	21,00	1	5	6
	22,00	6	18	24
	23,00	1	16	17
	24,00	1	20	21
Total	63	116	179	

Idade * IOSmenospróximo Crosstabulation

Count

	IOSmenospróximo			Total
	1,00	2,00	3,00	
Idade 16,00	1	1	4	6
17,00	0	1	1	2
18,00	0	1	3	4
19,00	0	1	0	1
20,00	0	1	2	3
21,00	0	0	1	1
22,00	0	1	4	5
23,00	0	2	3	5
24,00	0	2	3	5
Total	1	10	21	32

Idade * IOSmaispróximo Crosstabulation

Count

		IOSmaispróximo				Total
		4,00	5,00	6,00	7,00	
Idade	16,00	6	6	6	6	24
	17,00	7	4	9	3	23
	18,00	6	8	7	5	26
	19,00	1	3	3	5	12
	20,00	3	0	5	2	10
	21,00	3	1	0	1	5
	22,00	5	7	2	5	19
	23,00	6	2	4	0	12
	24,00	5	6	4	1	16
Total		42	37	40	28	147

GÉNERO

Genero * Saudável Crosstabulation

Count

		Saudável										Total	
		1,00	1,06	1,13	1,19	1,25	1,31	1,38	1,44	1,50	1,56		1,63
Genero	Feminino	19	20	22	20	16	15	11	8	4	4	5	144
	Masculino	1	1	0	2	1	0	1	1	1	0	1	9
Total		20	21	22	22	17	15	12	9	5	4	6	153

Genero * Menossaudável Crosstabulation

Count

		Menossaudável									Total	
		1,69	1,75	1,81	1,94	2,00	2,13	2,19	2,31	2,38		2,50
Genero	Feminino	1	3	4	2	3	2	1	1	1	2	20
	Masculino	1	1	1	0	1	1	0	0	0	1	6
Total		2	4	5	2	4	3	1	1	1	3	26

Genero * IOSmenospróximo Crosstabulation

Count

		IOSmenospróximo			Total
		1,00	2,00	3,00	
Genero	Feminino	1	8	20	29
	Masculino	0	2	1	3
Total		1	10	21	32

Genero * IOSmaispróximo Crosstabulation

Count

		IOSmaispróximo				Total
		4,00	5,00	6,00	7,00	
Genero	Feminino	37	33	38	27	135
	Masculino	5	4	2	1	12
Total		42	37	40	28	147

Genero * Tempo de Duração Crosstabulation

Count

		Tempo de Duração		Total
		Até 12 meses	Mais que doze meses	
Genero	Feminino	59	105	164
	Masculino	4	11	15
Total		63	116	179

CurtaDuração

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1,00	11	6,1	17,5	17,5
	2,00	52	29,1	82,5	100,0
	Total	63	35,2	100,0	
Missing	System	116	64,8		
Total		179	100,0		

LongaDuração

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	3,00	65	36,3	56,0	56,0
	4,00	51	28,5	44,0	100,0
	Total	116	64,8	100,0	
Missing	System	63	35,2		
Total		179	100,0		

ANÁLISE CORRELACIONAL

H1: A qualidade da relação amorosa é influenciada pelo tempo de duração da relação amorosa

		Correlations			
		CurtaDuração	LongaDuração	Saudável	Menossaudável
CurtaDuração	Pearson Correlation	1	. ^a	-,050	,302
	Sig. (2-tailed)		.	,715	,467
	N	63	0	55	8
LongaDuração	Pearson Correlation	. ^a	1	-,038	-,199
	Sig. (2-tailed)	.		,708	,430
	N	0	116	98	18
Saudável	Pearson Correlation	-,050	-,038	1	. ^a
	Sig. (2-tailed)	,715	,708		.
	N	55	98	153	0
Menossaudável	Pearson Correlation	,302	-,199	. ^a	1
	Sig. (2-tailed)	,467	,430	.	
	N	8	18	0	26

a. Cannot be computed because at least one of the variables is constant.

H2: A qualidade da relação amorosa é influenciada pela proximidade entre os parceiros românticos

		Correlations			
		IOSmenospróximo	IOSmaispróximo	Saudável	Menossaudável
IOSmenospróximo	Pearson Correlation	1	. ^a	-,066	,273
	Sig. (2-tailed)		.	,748	,600
	N	32	0	26	6
IOSmaispróximo	Pearson Correlation	. ^a	1	,119	-,428
	Sig. (2-tailed)	.	.	,181	,060
	N	0	147	127	20
Saudável	Pearson Correlation	-,066	,119	1	. ^a
	Sig. (2-tailed)	,748	,181	.	.
	N	26	127	153	0
Menossaudável	Pearson Correlation	,273	-,428	. ^a	1
	Sig. (2-tailed)	,600	,060	.	.
	N	6	20	0	26

a. Cannot be computed because at least one of the variables is constant.

H3: Existe correlação entre a qualidade da relação amorosa e o CRQ 6.0 (Desejo, Resposta do Outro e Resposta do Eu)

		Correlations			
		Saudável	Menossaudável	CRQWmenosrespondido	CRQWmaisrespondido
Saudável	Pearson	1	. ^a	-,091	,061
	Correlation				
	Sig. (2-tailed)		.	,791	,470
	N	153	0	11	142
Menossaudável	Pearson	. ^a	1	. ^a	,098
	Correlation				
	Sig. (2-tailed)	.	.	.	,642
	N	0	26	1	25
CRQWmenosrespondido	Pearson	-,091	. ^a	1	. ^a
	Correlation				
	Sig. (2-tailed)	,791	.	.	.
	N	11	1	12	0
CRQWmaisrespondido	Pearson	,061	,098	. ^a	1
	Correlation				
	Sig. (2-tailed)	,470	,642	.	.
	N	142	25	0	167

a. Cannot be computed because at least one of the variables is constant.

Correlations

		Saudável	Menossaudável	CRQOnãoresponde	CRQOresponde
Saudável	Pearson Correlation	1	. ^a	,401	-,446**
	Sig. (2-tailed)		.	,504	,000
	N	153	0	5	148
Menossaudável	Pearson Correlation	. ^a	1	. ^a	-,272
	Sig. (2-tailed)	.	.	.	,179
	N	0	26	0	26
CRQOnãoresponde	Pearson Correlation	,401	. ^a	1	. ^a
	Sig. (2-tailed)	,504	.	.	.
	N	5	0	5	0
CRQOresponde	Pearson Correlation	-,446**	-,272	. ^a	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,179	.	.
	N	148	26	0	174

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

a. Cannot be computed because at least one of the variables is constant.

Correlations

		Saudável	Menossaudável	CRQEnãoresponde	CRQEresponde
Saudável	Pearson Correlation	1	. ^a	-,092	-,340**
	Sig. (2-tailed)		.	,883	,000
	N	153	0	5	148
Menossaudável	Pearson Correlation	. ^a	1	-,971*	,144
	Sig. (2-tailed)	.	.	,029	,521
	N	0	26	4	22
CRQEnãoresponde	Pearson Correlation	-,092	-,971*	1	. ^a
	Sig. (2-tailed)	,883	,029	.	.
	N	5	4	9	0
CRQEresponde	Pearson Correlation	-,340**	,144	. ^a	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,521	.	.
	N	148	22	0	170

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

a. Cannot be computed because at least one of the variables is constant.

H4: Existe correlação entre o tempo de duração da relação amorosa e o CRQ 6.0 (Desejo, Resposta do Outro e Resposta do Eu)

Correlations

		CurtaDuração	LongaDuração	CRQWme- nosrespondido	CRQWmaisres- pondido
CurtaDuração	Pearson Correlation	1	. ^a	. ^a	,125
	Sig. (2-tailed)		.	.	,328
	N	63	0	0	63
LongaDuração	Pearson Correlation	. ^a	1	-,429	-,061
	Sig. (2-tailed)	.		,164	,540
	N	0	116	12	104
CRQWmenosrespondido	Pearson Correlation	. ^a	-,429	1	. ^a
	Sig. (2-tailed)	.	,164		.
	N	0	12	12	0
CRQWmaisrespondido	Pearson Correlation	,125	-,061	. ^a	1
	Sig. (2-tailed)	,328	,540	.	
	N	63	104	0	167

a. Cannot be computed because at least one of the variables is constant.

Correlations

		CurtaDuração	LongaDuração	CRQOnãores- ponde	CRQOresponde
CurtaDuração	Pearson Correlation	1	. ^a	. ^a	,188
	Sig. (2-tailed)		.	.	,147
	N	63	0	2	61
LongaDuração	Pearson Correlation	. ^a	1	-,277	,029
	Sig. (2-tailed)	.		,821	,764
	N	0	116	3	113
CRQOnãoresponde	Pearson Correlation	. ^a	-,277	1	. ^a
	Sig. (2-tailed)	.	,821		.
	N	2	3	5	0
CRQOresponde	Pearson Correlation	,188	,029	. ^a	1
	Sig. (2-tailed)	,147	,764	.	
	N	61	113	0	174

a. Cannot be computed because at least one of the variables is constant.

Correlations

		CurtaDuração	LongaDuração	CRQEnãores- ponde	CRQEresponde
CurtaDuração	Pearson Correlation	1	. ^a	-,632	,276*
	Sig. (2-tailed)		.	,368	,034
	N	63	0	4	59
LongaDuração	Pearson Correlation	. ^a	1	-,459	,054
	Sig. (2-tailed)	.		,437	,570
	N	0	116	5	111
CRQEnãoresponde	Pearson Correlation	-,632	-,459	1	. ^a
	Sig. (2-tailed)	,368	,437		.
	N	4	5	9	0
CRQEresponde	Pearson Correlation	,276*	,054	. ^a	1
	Sig. (2-tailed)	,034	,570	.	
	N	59	111	0	170

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

a. Cannot be computed because at least one of the variables is constant.

H5: Existe correlação entre o tempo de comunicação dispensado nas redes virtuais para comunicar com o parceiro e o tempo de relação

Correlations

		Tempo de Duração	Tempo que comunica com o parceiro através da rede social.
Tempo de Duração	Pearson Correlation	1	-,141
	Sig. (2-tailed)		,061
	N	179	179
Tempo que comunica com o parceiro através da rede social.	Pearson Correlation	-,141	1
	Sig. (2-tailed)	,061	
	N	179	179

H6: A qualidade da relação amorosa é influenciada pelo tempo de comunicação dispensado nas redes virtuais para comunicar com parceiro

Correlations

		Tempo que comunica com o parceiro através da rede social.	Saudável	Menossaudável
Tempo que comunica com o parceiro através da rede social.	Pearson Correlation	1	,082	,082
	Sig. (2-tailed)		,312	,690
	N	179	153	26
Saudável	Pearson Correlation	,082	1	. ^a
	Sig. (2-tailed)	,312		.
	N	153	153	0
Menossaudável	Pearson Correlation	,082	. ^a	1
	Sig. (2-tailed)	,690	.	
	N	26	0	26

a. Cannot be computed because at least one of the variables is constant.